

AS PERIPÉCIAS DE JUVENAL

JOBER ROCHA

2010

ADVERTÊNCIA AOS LEITORES

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida, sob quaisquer meios existentes, sem o prévio consentimento do autor.

Este livro é uma obra de ficção. Os personagens e diálogos foram criados a partir da imaginação do autor, entretanto, qualquer semelhança com acontecimentos ou pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

ISBN 987-85-910985-0-7

PRÓLOGO

Tomado por súbita crise de desânimo e apatia, em razão dos muitos anos de observação da nossa triste realidade e julgando haver, por razões por mim desconhecidas, um vício intrínseco permeando de alto a baixo nossa gente, nossas coisas e nossas instituições, resolvi, recorrendo a um humor quase sempre sarcástico, trazer ao público AS PERIPÉCIAS DE JUVENAL, escrito em minhas horas de folga, durante o horário de trabalho, na repartição pública em que dedico o melhor de minha existência e onde exerço, ainda hoje, a função de Assessor do Diretor.

Sabendo que quase não resta tempo aos meus colegas de profissão, a padecerem em seus postos de observação – não digo de trabalho - pelas repartições deste país afora, para uma leitura leve e divertida

durante o horário de expediente, de modo a permitir que se alheiem aos importantes problemas, a requererem urgentes soluções, cujos processos repousam no fundo de gavetas e nas prateleiras das estantes dos Gabinetes, Secretarias-Gerais, Diretorias ou Superintendências; procurei, através de breves contos de leitura rápida, proporcionar literatura amena sobre o cotidiano da vida de nosso personagem principal, Juvenal, herói e vilão destas estórias, além de excelente servidor público.

O leitor mais intelectualizado, amante da Filosofia, da Psicologia, da Psiquiatria e das Ciências Sociais, encontrará, nestes escritos, valioso manancial para futuras pesquisas sobre o passado e o presente do autor. Não digo sobre o futuro, pois este, evidentemente, é bastante previsível...

ÍNDICE

PARTE I - (Escrita pelo próprio Juvenal)	07
. Breve Relato Sobre a História da Minha Vida	07
PARTE II - (Novos episódios sobre a triste existência de Juvenal relatados, pelo próprio quando ainda em vida, para o seu editor)	31
. Um Dia de Cão	33
. A Sociedade Secreta	40
. O Perfeccionista	48
. Juvenal “O Magnífico	66
. Um Autor a Procura de um Personagem	72
. O Professor de Filosofia	78
. Sensação de Liberdade	95
. Medo do Capeta	101

. Milagres Não Existem	109
. A Decisão	113
. O Telefonema	117
. O Custo Brasil	120
. A Carona	123
. O Cabo Eleitoral	126
. Lembranças	130
. Amigos para Sempre	132
. Meu Amigo Favelado	135
. O Prisioneiro	139
. O Segurança	142
. O Efeito Especial	145
. O Covarde	149
. O Angu do Alemão	154

PARTE I - (Escrita pelo próprio Juvenal)

. BREVE RELATO SOBRE A HISTÓRIA DA MINHA VIDA

Caro leitor, ao ler o conteúdo destas linhas, você talvez já não me encontre mais no mundo dos vivos.

A desilusão sobre os homens, coisas e instituições, que tomou conta de mim ao final da existência, certamente fará com que abrevie o pouco tempo que me resta, em razão de moléstia grave adquirida ao longo dos anos pelo triste vício de pensar e acreditar no futuro deste país e da gente que aqui habita e prolifera.

No auge do desespero, prestes a por fim, pela primeira vez, a minha malfadada vida, atendendo à solicitação encarecida de um amigo e protetor, resolvi deixar por escrito estas poucas páginas, para os pósteros, a fim de que, louvando-se em minhas desditas, pudessem pautar suas vidas por outros caminhos e valores que não os meus, de sorte a poderem vir a desfrutar de uma existência feliz e aprazível.

Lembro ao leitor, no entanto, que tais relatos abrangem apenas o período mais feliz e criativo de toda a minha vida, pois aquele que o antecedeu é tão trágico que, em respeito aos que me lêem e aos bons costumes, nego-me a comentá-lo em público; tendo tido apenas a coragem de relatá-lo, em caráter particular, e sobre promessa de sigilo absoluto, ao meu editor e benfeitor que evitou meu funesto desenlace.

Assim, o intervalo de tempo a que me refiro nestas poucas páginas, vai desde o início da crise mundial da economia, até o dia em que, pendurado no parapeito do vão central da Ponte Rio – Niterói, tentando dar cabo de minha triste existência, ensaiava pular nas águas revoltas da Baía de Guanabara, fui salvo por um editor de conceituada empresa jornalística, cujo carro havia furado os quatro pneus naquela rodovia, privatizada há pouco pelo Governo Federal. Meu salvador, após convencer-me de que aquele tresloucado gesto daria apenas uma pequena nota de pé de página em seu jornal, recomendou-me, além de consultas periódicas a um psiquiatra, que colocasse no papel o resumo das minhas adversidades e lhe enviasse com vistas a sua publicação, sob a forma de

capítulos, em seu jornal de pequena tiragem na Baixada Fluminense e no qual, além de proprietário, era também Diretor-Geral; de modo a possibilitar, com isto, um eventual aumento nas vendas.

Foi, então, o que fiz.

Após haverem transcorridos vários meses, nos quais me dediquei integralmente a passar minhas vicissitudes para o papel e quando, já com toda a documentação debaixo do braço, entrava no escritório da editora, passei por uma das maiores vergonhas da minha vida.

Ao chegar à ante-sala do diretor, contemplei uma mãe que deixava seu filhinho de dois anos fazer xixi na porta de um belo e raro armário de madeira trabalhada, estilo Luis XV. Olhando aquela criança urinando naquela verdadeira obra de arte, senti nas entranhas uma vergonha enorme: imaginem que o pintinho dele era maior do que o meu!

Meu nome de batismo é Juvenal. Ficarei apenas neste primeiro nome, pois não desejo que os leitores, ao tomarem conhecimento de minhas agruras e conhecendo meu sobrenome, venham a gastar seu

precioso tempo procurando meus parentes para felicitá-los pela acertada decisão que tiveram ao me abandonar, tão logo atingi os doze anos. Desde pequeno meus pais, parentes, amigos e conhecidos chamavam-me de Venalzinho. Suponho que seja por abreviação, pois meu comportamento sempre foi dos mais exemplares, embora alguns diretores de colégio, ao me verem chegar com meu pai para fazer a matrícula, sempre alegassem falta de vagas para aquele ano letivo.

Assim, muito do que sei aprendi por mim mesmo, como autodidata, através da leitura assídua de cartazes publicitários nas ruas, de livrinhos das Coleções Gozadores, de figurinhas das Balas Guri e de diversos manuais de instalação de eletrodomésticos que encontrava nas latas de lixo do bairro.

Abandonado que fui pela família aos doze anos vivi, desde então, pelas ruas da cidade. Após alguns serviços prestados para bicheiros locais, caí nas boas graças de político ligado à contravenção, que me colocou como seu assessor na Assembléia Legislativa Municipal, onde fiz carreira.

Embora um pouco cheio de complexos, em razão dos inúmeros traumas sofridos ao longo da existência, de uma única coisa, verdadeiramente, posso me vangloriar: da minha esperteza.

Ao início da crise econômica mundial, quando já me encontrava aposentado, minha última mulher, chamada Cleonice Barbosa, estava no final de uma difícil e sofrida gravidez.

Certa noite, Barbosa - era assim que gostava de ser chamada - acordou gemendo e me disse: - “Juvenal, a bolsa arrebentou!”.

Calmamente, respondi: - “Sossega mulher. Já vendi todas as ações que tinha em carteira e com o dinheiro comprei tudo em dólares!”. Em seguida, voltei a dormir.

Horas depois, me acordou de novo, dizendo: - “Juvenal, está em contração!”. Com bastante calma, respondi: - “A economia é assim mesmo, em algumas horas se contrai e em outras se expande!”. A continuação, voltei novamente a dormir.

Passadas algumas horas, que para mim pareceram apenas minutos, novamente me acordou com um solavanco, mostrou um bebê e disse: - “Juvenal, corta aqui o cordão umbilical!”.

Um mês depois batizávamos o Venalzinho, que eu só chamo de Mico Preto e a família e os amigos de Bolha Econômica.

Minha mulher, depois do parto, largou o bebê comigo e passou a sair com uma amiga o dia inteiro. Às vezes dormia fora de casa, só voltando no dia seguinte. Não queria mais saber de mim, nem do Mico Preto.

Em certa ocasião reclamei à sogra, que prometeu falar com a filha.

Dias depois, a sogra contou-me como havia sido a conversa com sua filha. Ao dizer-lhe, cheia de rodeios, que seu marido gostaria de ter ao lado uma mulher cheirosa, gostosa e carinhosa, ela, com aquela voz grossa que sempre teve, respondeu: - “Pô, mãe, mas quem não gostaria!”.

Passados mais alguns meses foi embora, definitivamente, com a amiga. Deixei o Mico Preto com a sogra e fui à luta.

Como o processo de separação não pode ser amigável, já que ambos alegávamos ser o homem da casa, tive que recorrer à justiça. O desempate foi feito pelo juiz, no momento exato da audiência. Ele ficou cerca de uns vinte minutos olhando, ora para mim ora para ela, na dúvida. Só ganhei porque entrou na sala um médico proctologista a quem já havia consultado uma vez e que, ao ver-me, exclamou: - “Ô Juvenal, aquele tumor na tua próstata ta me parecendo maligno, viu!”.

Finalmente, terminado o processo de separação, fui em busca de uma nova companheira, mudando-me da cidade de Niterói - onde era constantemente assediado por Oficiais de Justiça que disputavam, entre si, a primazia de entregar-me o maior número possível de intimações - para a cidade do Rio de Janeiro, onde era totalmente desconhecido.

Enamorei-me, logo em seguida, de uma jovem de seus dezoito anos, virgem, que me levou à casa dos pais, lá pelos lados de Madureira.

Na sala sentei-me no sofá, entre ela e o irmão pequeno, tendo em frente a mãe, o pai e a avó. Eis que, repentinamente, a mãe, pensando em me convidar para o almoço, perguntou: - “O cavalheiro gosta de comer o que?”.

Para não dar trabalho à velha, humildemente respondi: - “Eu só gosto de comer a quilo!”.

O silencio que se seguiu foi constrangedor. A jovem começou logo a chorar. A avó, pegando pela mão o neto, saiu da sala dizendo baixinho: - “Mas que pouca vergonha!”.

A mãe, com um lenço esfregando nos olhos úmidos, dizia: - “Nunca fui tão humilhada!”.

Notando, pelo canto dos olhos, o pai se levantando e fazendo menção de sacar algo debaixo da camisa, corri rápido em direção à porta entreaberta e, desembestando pela escada do apartamento, só fui parar a alguns quarteirões de distancia, nunca mais passando por aquela rua.

Pensei, pouco depois, em procurar uma coroa rica e bonita que satisfizesse os meus mais inconfessáveis desejos.

Felizmente encontrei uma em um barzinho da Lapa. Era rica, gostosa e linda. Logo no primeiro encontro afirmou estar ansiosa para satisfazer todos os meus ardentes desejos.

No dia seguinte fomos ao seu clube, onde almoçamos. À tarde passeamos de iate e à noite jantamos, tomando vinho francês e ouvindo música.

Mais tarde, na cama, trajando um curtíssimo baby-doll preto, me disse: - “Vem, meu gostosão, que eu vou satisfazer todos os seus desejos!”.

Bastou dizer estas palavras para que eu, deitado ao seu lado na cama, tirasse do bolso do pijama uma lista contendo relação com perto de vinte itens, que iam desde sorvete de morango na casquinha até um trenzinho completo, com máquina, vagões, estação e trilhos, e entregasse a ela. Com um olhar que me pareceu tocado pela emoção, segurou a lista com mãos tremulas e prorrrompeu em copioso choro. Virei, então, para o lado e dormi em seguida, como uma

pedra, pois estava esfalfado depois de um dia cansativo de tantos passeios.

Na manhã seguinte não a encontrando no leito, fui informado por sua governanta que ela havia viajado para visitar a avó na Bielo-Rússia, não tendo data prevista para voltar.

A partir daquele dia resolvi que seria celibatário para o resto da vida. Desde então deixei de pensar em mulheres e passei a me dedicar aos estudos filosóficos.

De tanto estudar, ler e interpretar o que diziam os filósofos, aos poucos, desenvolvi minha própria teoria filosófica. Pude inclusive estabelecer, após muita meditação introspectiva, alguns princípios básicos que se resumem nos três seguintes preceitos, aos quais denominei Leis Fundamentais da Filosofia:

. Não penso, logo, não consigo terminar uma fras...;

. Ser ou não ser não é a questão; a questão é quando começam a desconfiar que você seja;

. Só sei que nada sei, mas, se algum dia souber que realmente sei, então saberei, ou não, se sei ou se não sei.

Fui, certamente, sem falsa modéstia, o primeiro filósofo ocidental a prever, com anos de antecedência, a falência do Sistema Comunista Internacional e a Crise Econômica do Capitalismo, ao afirmar: - “A dialética transcendental perder-se-á, para sempre, entre antinomias e paralogismos, a menos que a teologia racional supere a tradição epistemológica!”.

Tendo a teoria filosófica, por mim desenvolvida, pouca aceitação no meio científico, e desiludido com a economia, com as mulheres e com a ciência, decidi dedicar-me em profundidade à religião.

Por esta altura já havia gasto tudo aquilo que acumulara ao longo de toda uma existência, e estava passando fome.

Às vezes me via, até, falando sozinho.

Entrando, ao cair da tarde, em uma igreja para informar-me com o padre sobre como fazer para ingressar nas ordens monásticas, este, ao ver-me

falando sozinho, supôs que eu orava e, ao observar meu corpo esquelético, perguntou-me com doçura há quantos dias não me alimentava.

Ao responder-lhe que havia três dias só bebia água, o padre, com visível alegria, disse-me: - “Que bom que você veio, meu filho, pois vejo que jejua com frequência e que ora baixinho o tempo todo. Estamos começando, agora, um grupo de oração e jejum e você veio mesmo a calhar. Pode aguardar ali, ajoelhado naquele canto, que a reza e o jejum já vão começar e se estenderão até amanhã pela manhã. Já vou escalar você para os grupos de segunda, quarta e sexta-feira!”.

Morto de fome, afastei-me dali e comecei a vagar, sem rumo, pelas ruas da cidade.

Ao passar por uma viela, pouco movimentada naquela hora do dia, tive a atenção despertada para uma placa colocada em uma casa, que dizia: ‘Bolsa-Família – Cadastramento’.

Entrando pelo portão aberto deparei com uma fila de, aproximadamente, quinze pessoas. Instalando-me no final da fila, aos poucos fui fazendo amizade com

os demais participantes. Um deles até me ofereceu um pedaço da banana que comia, vendo a expressão de ferocidade famélica com que eu o fitava.

Entabulando conversação com o indivíduo à minha frente, dele obtive preciosas informações. Disse-me, após as apresentações de praxe, que era professor universitário de Física Quântica, com pós-graduação na Alemanha. Desempregado, desde que retornara ao Brasil, vinha recebendo o auxílio desemprego.

Havia se candidatado ao Vale-Gás e, para os filhos menores, a Bolsa-Escola.

O filho mais velho, que havia puxado à mãe e nascido pardo, entrara para a universidade pública através do sistema de quotas.

Como o professor havia sido de ‘esquerda’ em sua juventude e militado em um grupo terrorista entrara, recentemente, com um pedido de aposentadoria e salários retroativos, junto a um chamado “Comitê de Indulto e Esquecimento”.

Enquanto aguardava o desfecho do seu caso estava ali, na fila, para solicitar a Bolsa-Família.

Sugeri-me que arranjasse uma esposa grávida para pleitear, também, o Auxílio-Natalidade. Deu-me, a seguir, o endereço do restaurante e do hotel que cobravam apenas um Real por pessoa e que ficavam nas proximidades.

Como a fila estivesse demorando muito a andar, já que a quantidade de documentos solicitados era enorme, e o funcionário encarregado ainda não houvesse retornado do almoço, já tendo se passado quatro horas desde que se ausentara, despedi-me do professor de quem já ficara amigo e, novamente, continuei a andar sem destino.

No entanto, sem que me apercebesse, a mão da providencia conduzia-me diretamente para o sopé de uma favela.

Em lá chegando, os moradores vendo meu estado cadavérico e andrajoso, julgaram que se tratava de um mendigo aidético e alcoólatra e me deixaram ficar em um barraco desabitado. Deram-me de comer e beber e, aos poucos, fui retomando minhas antigas condições físicas.

Em agradecimento, comecei a prestar pequenos serviços à comunidade, seja levando determinados embrulhos, bastante pesados, a um barraco situado no alto do morro onde vários moradores de binóculos apreciavam a vista do mar, seja conduzindo envelopes fechados que deviam ser entregues aos membros de uma viatura policial que rondava, todos os dias, aquela comunidade. Imagino que os envelopes continham a lista de pessoas da localidade necessitadas de auxílio do poder público, cujos nomes eram mantidos em sigilo para não vexa-las.

Por isto adquiri, com o passar do tempo, grande conhecimento junto ao meio policial; já que era sempre saudado com alegria pelos integrantes de todas as viaturas que circulavam pelas imediações do morro.

Recuperado completamente, um dia recebi a visita de vereador cuja base eleitoral situava-se naquela comunidade e que, após dizer que admirava muito o meu trabalho junto àquelas famílias carentes, oferecia-me um lugar de assessor, terceirizado, em seu gabinete.

Já tendo, anteriormente, trabalhado na Câmara Municipal como funcionário de carreira, confesso que fiquei bastante entusiasmado, principalmente quando soube do valor do salário de um funcionário terceirizado, aceitando, de imediato, a vaga que me oferecia.

Apenas estranhei, quando, após haver assinado todos os papeis, em resposta à minha pergunta sobre a data em que começaria a trabalhar, respondeu: - “Não precisa se incomodar não, parceiro. Vai trabalhando por aqui mesmo, pois a Câmara está em obras e não tem nem lugar para sentar!”.

Despediu-se e, desde então, nunca mais o vi.

Jamais recebi o salário que me prometeu, mas acredito que ele o esteja guardando para entregar-me ao final das obras, quando então terei o meu lugarzinho a seu lado no gabinete. Enquanto este dia não chega, em razão do grande conhecimento que tinha do mercado financeiro (por ter feito um curso técnico de contabilidade), fui convidado por alguns investidores importantes da localidade a prestar assessoria econômico-financeira sobre como bem

aplicar o enorme volume de recursos ali gerado pelas atividades econômicas locais.

Iniciei, a partir de então, um período de intensas e prolongadas viagens ao Paraguai e à Bolívia, pois os investidores faziam questão que seus recursos fossem aplicados naqueles países.

Tantas vezes fui ao Paraguai que já era até conhecido dos guardas da fronteira, os quais me saudavam efusivamente após brindá-los, como eu frequentemente fazia, com algumas garrafas de uísque doze anos.

Certa ocasião, hospedado em um hotel na cidade de Pedro Juan Caballero, conheci um senador que, após saber do meu trabalho junto aos investidores da favela, convidou-me a ir até a capital federal, onde apresentaria outros colegas, senadores e deputados, todos interessados naquele tipo de consultoria que eu desenvolvia.

Como os investidores para os quais eu trabalhava já haviam deixado transparecer, em determinada ocasião, que meu antecessor no cargo havia desaparecido, repentinamente, por falar demais

(imagino que em uma de suas viagens ao país vizinho, resolvendo fazer um pouco de turismo, perdeu-se em alguma ruela desconhecida e depois, por falar de mais o português e de menos o espanhol, não soube encontrar o caminho de volta), resolvi não aceitar o convite do senador, pois sempre tive muito medo de me extraviar em lugares desconhecidos.

Em certa ocasião, ao voltar de uma de minhas viagens ao Paraguai e chegar à comunidade onde vivia, verifiquei, com pesar, que nenhum dos meus clientes investidores encontrava-se presente no local. Ao indagar, soube que todos, menos um, haviam falecido repentinamente após uma 'blitz policial' e que o sobrevivente andava lá pelo interior do Estado de São Paulo, em regime incomunicável.

Assim, na impossibilidade de qualquer contato com meus antigos patrões, para continuar sobrevivendo, lembrei-me de um amigo paraguaio que conheci em uma de minhas viagens e cuja avó, doente grave segundo ele, morava no mesmo morro em que eu. Conforme relatou quando o contatei, sua avó, em decorrência da enfermidade de que padecia, tinha necessidade de vários medicamentos só fabricados no Paraguai. Ofereci-me, assim, por vinte reais por

mês, para receber os remédios e entregá-los à desditosa avó.

A partir de então, toda semana ele enviava uma mala com cerca de cinquenta quilos, que eu tinha que apanhar à noite na rodoviária.

Passados alguns meses, causou-me surpresa ver, não apenas uma, mas, sim, duas malas. Pensei, contristado, na hipótese de sua avó haver piorado da moléstia que a acometia e necessitar de um número maior de medicamentos.

Transcorridos alguns meses, ao chegar à rodoviária, deparei com vários policiais fardados ao lado das malas.

Supus imediatamente que, ou a avó havia falecido e esperavam que alguém fosse apanhar as malas para comunicar a trágica notícia ao familiar, ou que, a partir daí, o próprio poder público, constrangido por não fabricar aqui no país aqueles medicamentos tão úteis para a pobre velha, resolvera, ele mesmo, usando para tal seus próprios funcionários, fazer a entrega. Em qualquer das hipóteses meus trabalhos não eram mais necessários, razão pela qual voltei para casa.

Certo dia, ao alimentar uma pequena ratazana que me acompanhava desde os primeiros momentos de permanência naquela comunidade, fui procurado por uma senhora idosa trazendo ao colo um pequeno bebê. Alegando não ter dinheiro para a passagem pediu-me, penhoradamente, que levasse a criança ao aeroporto, pois a mesma iria visitar os pais residentes no exterior e seus avós estariam aguardando-a no saguão do aeroporto, para embarcarem.

A criança era um bonito bebê negro que, chupando sua chupetinha, foi comigo de ônibus até o aeroporto sem um chorinho sequer.

Lá chegando entreguei-o aos avós, que sorriram ao ver-me. Segundo disseram, numa língua estranha que mal pude entender, moravam com os filhos na Suíça. Eram dois velhinhos simpáticos, louros e de olhos azuis. Pagaram-me um café, deram o dinheiro da passagem de volta e agradeceram-me, efusivamente, pelo trabalho.

Durante todo aquele ano a referida senhora idosa me procurou, quase semanalmente, levando sempre uma ou duas crianças para que eu as conduzisse ao

aeroporto, de onde os avós as levariam para visitar os pais no exterior.

Como sei o triste que é viver afastado da família, já que fui abandonado por minha própria mulher e perdi o contato com Mico Preto, sempre me dispus a levar as pobres crianças. Por vezes eu as deixava no aeroporto e retornava para casa com lágrimas nos olhos.

Uma manhã recebi a notícia de que minha ex-esposa havia falecido ao fazer uma cirurgia para mudança de sexo. Segundo disseram, durante um transplante, havia sofrido rejeição do membro (imagino que, talvez, a perna ou o braço) de um caminhoneiro morto em acidente de trânsito, gentilmente doado pela esposa, que fizera questão de acompanhar, em prantos, a peça doada até o centro cirúrgico. A mesma fonte me assegurava que meu filho Mico Preto era agora um importante executivo, em empreendimento muito lucrativo na favela onde morava.

Parece que tinha o alto cargo de gerente.

Embora passando necessidades, resolvi não procura-lo. Fazia tanto tempo que havíamos nos separado que eu não desejava envergonha-lo perante seus funcionários e superiores, aparecendo sujo, maltrapilho e desempregado.

Meses depois soube por um policial, para quem sempre entregara o envelope fechado que recebia de meus ex-patrões, que Mico Preto havia falecido. Ele não soube dizer a causa da morte; porém, imagino que tenha sido excesso de trabalho e elevados níveis de colesterol, de triglicérides e de ácido úrico, como ocorre com todo executivo que não se cuida, mormente ocupando cargo tão elevado quanto o dele. Assim, desempregado, vivendo de bicos, sem família, padecendo de moléstia grave adquirida no período em que militei como servidor público, cumpridor de meu dever e sem perspectiva alguma de futuro, tomei a resolução de abreviar este rosário de sofrimentos que constitui a minha vida.

Preparava-me para saltar do vão central da Ponte Rio - Niterói quando, acolhido por mão bondosa a me dar todo apoio naquela ocasião, fui bafejado por um sopro divino e tomei fôlego para começar de novo.

A instância de meu protetor, dei início à árdua tarefa de escrever estas páginas, as quais, segundo afirmação do próprio, render-me-iam substancial aporte de recursos, referente aos direitos exclusivos de publicação através de sua empresa jornalística e editora. Assim, ao meu querido leitor, desejando ardentemente que jamais trilhe os tortos caminhos por mim percorridos, isto é tudo o que eu tinha a declarar.

P.S. Transcorridos vários meses após a entrega dos originais para publicação, até o presente não recebi, da parte do meu salvador e benfeitor, um único vintém em pagamento pelo árduo trabalho que realizei.

Nota do Editor e benfeitor de Juvenal.

Lamentavelmente, o autor de tão extraordinários relatos não pode presenciar, em vida, o monumental sucesso obtido, através do lançamento em capítulos da história de suas adversidades, em periódico de alta tiragem da Baixada Fluminense, só possível mediante o apoio desinteressado da empresa da qual sou o

proprietário e Diretor-Geral. Ocorre que veio a falecer, tragicamente, em razão de múltiplas fraturas ocorridas após sua queda acidental do vão central da Ponte Rio - Niterói. Supõe-se que escorregou e mergulhou no mar ao alimentar algumas gaivotas que sobrevoavam o local. Seu corpo foi velado na Academia Nacional de Letras que lhe concedeu, 'post-mortem', a imortalidade, entronizando-o na cadeira de número nove.

Os direitos autorais, referentes a publicação de sua história, infelizmente não puderam ser pagos por desconhecemos seu sobrenome e possíveis herdeiros ou sucessores. O dinheiro permanecerá, entretanto, guardado na conta do editor pelo período de trinta dias, findo os quais, será revertido para os desabrigados das últimas enchentes que assolaram nosso país...

PARTE II – (Novos episódios sobre a triste existência de Juvenal relatados, pelo próprio quando ainda em vida, para o seu editor)

Queridos leitores, após o trágico fim de meu protegido e passado o período de luto a que me submeti, voluntariamente, em razão da grande amizade que nutria por Juvenal, resolvi dividir com os leitores alguns episódios de sua atribulada existência, a mim relatados por ele durante nossas conversas informais, ao cair da tarde, na redação do jornal do qual sou proprietário e Diretor-Geral - relatos estes que tomei o cuidado de gravar sem que ele soubesse, para não inibi-lo.

Da mesma forma que procedi com relação aos direitos autorais incidentes sobre as páginas constantes da PARTE I deste livro - que versam sobre sua atormentada vida e foram por ele escritas - procedo com os direitos referentes a estes novos episódios, que tenho hoje a generosidade de publicar e que também tratam das agruras de sua dura realidade. Findo o prazo de um mês, sem o aparecimento de herdeiros ou sucessores para

reclamar seus direitos, estes serão distribuídos aos flagelados de alguns dos inúmeros terremotos que assolam, constantemente, nosso frágil planeta.

Os relatos, apresentados a seguir, constituem, pois, transcrições fiéis de seus emocionantes depoimentos, na exata seqüência em que me foram confessados, quase sempre entrecortados por soluções e lamentações sobre a ingratidão - segundo ele mesmo afirmava - do ‘Senhor de Todos os Destinos’ para com sua pobre alma crente e caridosa, que só almejava um pouco de felicidade nesta vida. A este respeito, lembro-me de uma frase sua que ficou indelevelmente gravada em minha memória: -“Se o Grande Arquiteto do Universo fez de mim um de seus piores projetos, no dia do Juízo Final desejarei ter como defensor o mundialmente famoso e competente Advogado do Diabo!”.

O Editor

. UM DIA DE CÃO

Aquela segunda feira poderia ter sido um dia comum, como outro qualquer, não fosse por aquele telefonema da Silvia, minha primeira namorada, convidando-me para um jantar em sua casa, onde, pela primeira vez, me apresentaria o pai, a mãe e os avós.

Durante a manhã, aproveitei para um mergulho na Praia de Icaraí, em Niterói, onde sempre jogava uma partida de futebol com os amigos. Por volta das onze horas, com o despertar da fome, chamei um vendedor da areia e comi alguns camarões fritos, junto com algumas empadas e pastéis.

Já em casa após o banho, deitado vendo televisão, dormi até as dezessete horas. Ao acordar sobressaltado vi que tinha apenas uma hora para me aprontar e chegar à casa da Silvia, pois ela havia marcado o início do evento para as dezoito horas.

Aprontei-me rapidamente, colocando minha melhor roupa e um pouco de perfume, e dirigi-me de táxi para o local do jantar.

Ao chegar já deparei com o pai, a mãe e os avós, sentados na varanda sob um caramanchão, falando amenidades. Feitas as apresentações, o pai de Silvia conduziu-me para a biblioteca onde, certamente, desejava inquirir-me sobre minhas intenções para com sua filha. Após mostrar-me alguns livros raros perguntou-me sobre minhas atividades.

Como, até então, apenas me interessasse por sol, mulheres e praia, porém, desejasse, naquela ocasião, causar boa impressão, menti-lhe dizendo que me dedicava à Literatura Clássica e Medieval, tendo também elaborado alguns ensaios sobre a Filosofia Pré-Socrática.

Por minha iniciativa, discutimos um pouco sobre a verdadeira composição da Cicuta, bebida venenosa ingerida por Sócrates ao ser condenado à morte. Para o pai de Silvia tratava-se do extrato de uma planta existente na Grécia, para mim do remédio para ratos ‘chumbinho’ dissolvido em água.

Pouco depois Silvia chamou-nos para a sala, onde o jantar estava sendo servido.

Ao chegarmos ao local, fartamente iluminado e com enorme mesa ao centro, onde já se encontravam, além da mãe e dos avós, alguns tios e sobrinhos, algo como uma pequena onda sísmica percorreu-me o intestino. Após sentar-me no lugar indicado por Silvia, ao lado dela e de sua mãe, nova onda, porém desta vez mais forte, como um tremor de terra, foi por mim sentida.

Ao darem início ao jantar, vislumbrei uma verdadeira ‘Tsunami’ sendo gerada dentro do meu intestino. Pensando na catástrofe da Indonésia, rapidamente levantei-me e, pedindo desculpas, disse que desejava lavar as mãos. Silvia conduziu-me a um lavabo existente dentro da sala, logo em frente à mesa do jantar.

Dentro do lavabo, com a porta fechada, mal tive tempo de arriar a calça e sentar no vaso sanitário, tal a avalanche de água e barro provocada pela ‘Tsunami’ intestinal. Veio-me logo à mente os camarões, as empadas e os pastéis daquela manhã na praia.

Passada a primeira onda, outras se seguiram, porém de menor intensidade na Escala Internacional das Convulsões Intestinais.

Olhando para dentro do vaso, não conseguia acreditar que toda aquela enorme quantidade de barro havia saído do meu intestino.

Ao apertar o registro da descarga constatei, apavorado, que não havia água. Procurei papel higiênico, porém também não havia.

Como solução, limpei-me na cueca, mas, ao fazê-lo, sujei as mãos e a camisa, pois o lavabo era muito apertado.

Ao tentar lavar as mãos, verifiquei também não haver água na torneira da pia. Pensando em como desfazer-me da cueca suja vi, angustiado, que não havia nenhuma janela, nem cesta de lixo, dentro daquele quatinho estreito.

Consultando o relógio espantei-me ao constatar que já estava ali dentro há quase quarenta minutos. Talvez já estivessem comendo a sobremesa, pensei na ocasião. Ocorreu-me que o cheiro, insuportável ali dentro, àquela hora já deveria ter vazando por debaixo da porta e atingido o sensível olfato dos comensais, acostumados aos aromas delicados da sofisticada culinária de Silvia. Imaginei-os olhando para o lavabo,

com mãos e lenços tapando os narizes, imaginando o motivo pelo qual aquele cheiro fétido escapava por debaixo da porta.

Sem qualquer alternativa, e totalmente convencido da inexorabilidade do destino, pensei comigo mesmo:
- Adeus Silvia, grande amor da minha vida, até nunca mais!

Totalmente conformado com a situação, vesti calmamente a calça, deixando a camisa suja para fora, peguei a cueca na mão e, rodando-a por sobre a cabeça, abri a porta do lavabo e sai gritando alto: - Ah, eu to maluco! Ah, eu to maluco! Ah, eu to maluco!

Assim, pulando e gritando, dirigi-me para a porta de entrada, que abri com um forte puxão e, em seguida, mergulhei na noite fria.

Silvia, a partir daquele dia, nunca mais falou comigo e, pouco depois, mudou-se do bairro.

Eu continuei acordando cedo, jogando meu futebol na praia e correndo atrás das mulheres, porém, desde então, nunca mais comi camarões fritos, empadas e pastéis.

Anos depois, casei-me com Heleninha, com quem vivi parte da minha lamentável vida, até o trágico acidente que me deixou engessado durante anos, tendo de deslocar-me em uma cadeira de rodas.

Com minha separação de Heleninha, tão logo me vi recuperado, e com sua prematura morte, logo em seguida, atropelada por um motorista não identificado que acelerou o carro ao vê-la atravessar a rua, casei-me, no dia seguinte, com uma vizinha do prédio em frente ao meu, chamada Cleonice Barbosa (que só queria que a tratassem por Barbosa) e com quem já trocara algumas palavras no mercado, no cinema e no motel. Com ela tive um filho, que chamávamos de Venalzinho e que acabou ficando com a sogra, quando nos separamos.

A parte da minha existência iniciada com a separação de Barbosa, que considero a mais feliz de todas e que relatei em minhas memórias entregues a você, meu caro amigo editor e benfeitor, espero vê-la, em breve, publicada para poder auferir os correspondentes direitos autorais, que me permitirão viver folgadoamente durante minha velhice.

A parte que antecede a esta, caro amigo, narro a você apenas com a finalidade de que conheça minhas desditas e, assim mesmo, com a expressa promessa que me faz agora, de jamais, em tempo algum, divulgá-la ou mesmo comenta-la com quem quer que seja.

. A SOCIEDADE SECRETA

Sempre fui interessado pelas coisas esotéricas. Toda vez que me caíam às mãos alguns livros ou revistas que porventura falassem de magia, levitação, alquimia ou quaisquer segredos ocultos, lia-os avidamente. Possuía um colega de trabalho maçom que, veladamente, havia-me segredado algumas coisas da ordem. Dissera-me que os maçons comunicavam-se, entre si, por meio de sinais, toques e palavras. Através deste processo, segundo me dissera o amigo, podiam reconhecer qualquer irmão – pois era assim que se tratavam - em qualquer lugar do mundo.

Interessadíssimo na maçonaria havia tentado, por intermédio do colega, entrar para a mesma.

Minha tentativa, entretanto, havia sido infrutífera, pois, apresentado pelo amigo, tive meu nome recusado por maioria plena, no escrutínio secreto realizado na Loja Maçônica à qual desejava filiar-me.

Pouco depois, tendo visto um anuncio na imprensa sobre a Ordem Rosacruz, preenchi alguns papéis e enviei pelo correio para a caixa postal indicada no anuncio. Algumas semanas depois recebi um comunicado informando que meu nome não havia sido aprovado, em razão dos inúmeros processos a que respondia na justiça.

Tentei também a Ordem dos Cavaleiros Templários, a Ordem de Molay, os Iluminatti e a Ordem dos Cavaleiros de Cristo, sem o menor sucesso. Algumas nem se davam ao trabalho de responder minhas cartas.

Uma ocasião, ao folhear um jornal de determinada seita religiosa, veio-me à mente a idéia: - Porque não criar a minha própria sociedade secreta?

Da idéia passei à ação. Durante alguns meses, procurei desenvolver arcabouço teórico que vinculasse minha ordem ao antigo Egito, aos mistérios de Isis e Osíris e à Escola Pitagórica. Criei palavras código, sinais e toques de mão, para serem usados pelos membros da minha sociedade.

Obtive emprestado de um primo um pequeno galpão, perto de um depósito de lixo, que transformei em local de reunião da ordem, à qual denominei “Irmandade de Lanevuj”. Achei que Lanevuj, além de parecer nome de guru indiano, ainda prestava homenagem ao meu próprio nome, Juvenal, o criador e fundador da irmandade; já que, simplesmente, escrevi meu nome de trás para diante.

Meu maior problema, agora, era conseguir seguidores. Para tal iniciei campanha junto aos catadores de papéis e garrafas no depósito de lixo próximo.

Dizia aos catadores que, após entrarem para a Irmandade e tomarem conhecimento dos segredos e dos mistérios da ordem, poderiam transformar lixo em ouro. Apontava para a montanha de lixo e dizia: - Imaginem vocês, tudo isso transformado em pepitas de ouro!

A filiação foi maciça, em que pese os dez reais que cada um era obrigado a pagar mensalmente e de forma antecipada.

A Irmandade era dividida em graus, existindo um total de cem. Para ascender de grau, o irmão – pois era assim que todos passaram a se chamar logo após a filiação – deveria pagar vinte reais. Para cada grau existia uma palavra, um sinal e um toque de mão. Começando sempre pelo sinal, palavra e toque do grau mais baixo, e fazendo sinais, dizendo palavras e dando toques de graus mais elevados, em seguida, ao ter algum sinal, palavra ou toque não correspondido, ficar-se-ia sabendo qual o grau do irmão interlocutor.

Cada grau possuía um nome pomposo: Príncipe Catador de Papéis, Soberano das Garrafas de Cerveja, Mestre das Caixas de Papelão, Grande Monarca das Latas Vazias, etc.

Além dos Sinais de Reconhecimento havia também os de Perigo, de Socorro, de Cólera, de Espanto, de Fome, de Cansaço, de Fastio, de Flatulência (este tinha por objetivo manter o irmão afastado) e o de ‘Me empresta algum que estou sem nenhum’ (este também mantinha os irmãos afastados, na maioria das vezes).

Tendo alguns neófitos sido, por mim, treinados nos sinais, palavras e toques do primeiro grau, vários destes, louvando-se em meus ensinamentos de que a

Irmandade era milenar e possuía templos e adeptos em todos os países do mundo, foram para as ruas, convictos de que, ao fazerem tudo aquilo que haviam aprendido, seriam reconhecidos e ajudados por membros, anônimos, da respeitável irmandade a que pertenciam.

Um deles, conforme mais tarde vim saber, estando sem dinheiro para a condução, foi para a porta de um movimentado ‘Shopping Center’ procurar um irmão que lhe emprestasse algum. Começou por, segundo eu havia ensinado, colocar uma mão na orelha e outra no nariz, revirar os olhos e ficar falando as palavras código ‘Tenho Fome no Meu Lar’, seguidas vezes. Em breve viu-se cercado por vários seguranças do shopping. Chamada a polícia, foi conduzido para a delegacia mais próxima sob suspeita de tentativa de assalto, já que um dos fregueses ao passar por onde estava, havia escutado este pedir-lhe o telefone celular.

Desfeito o engano e tendo, antes, tomado alguns safanões dos seguranças do ‘shopping’, foi solto.

Outro neófito, conforme fiquei sabendo depois, encontrando-se na plataforma dos trens para a

Baixada Fluminense e sentindo-se mal, resolveu fazer o sinal de Socorro. A plataforma estava cheia de trabalhadores, que retornavam às suas casas após um estafante dia de trabalho.

Ao piscar um dos olhos, seguidamente, e colocar as duas mãos na cintura, conforme eu havia ensinado, viu aproximarem-se dois mulatos altos e fortes. Pensando estar entre irmãos, sorriu-lhes e disse: - Oi, queridos, estou que não me agüento!

Um dos mulatos, o mais forte, segurando-o pelo colarinho disse com uma voz que parecia o ribombar de um trovão: - Olha aqui seu 'bicha', nós não gostamos de 'gay' não! Se você ta que não se agüenta de vontade de arranjar homem, vai procurar em outro lugar, seu 'boióla'! Dando-lhe, a seguir, alguns empurrões, deixaram-no de lado, pois a composição já chegara à estação e estava prestes a partir.

Outro iniciado, estando parado na porta de uma creche-escola, onde vendia balas nas horas vagas, quis testar seus conhecimentos sobre o que havia aprendido comigo. Assim é que, para ver se algum irmão anônimo com ele se comunicava, colocou a língua para fora e, a intervalos regulares, coçava as

partes genitais murmurando seguidamente: - Ai, que coisa boa!

Os pais, que por ali passavam para deixar seus filhos na escola, vendo seu comportamento e julgando-o um pedófilo, reuniram-se e iniciaram um linchamento, só não consumado em razão da chegada da polícia. Mais uma vez, desfeito o engano, foi solto para ir diretamente ao hospital, onde permaneceu internado por vários dias.

Em uma segunda-feira ensolarada, ao retornar das férias no sitio do meu cunhado, em Itaboraí, e dirigir-me à sede da irmandade, vinha absorto fazendo as contas de quanto arrecadaria naquele mês, só com as mudanças de grau. Ao chegar próximo ao lixão senti forte cheiro de queimado. Julguei tratar-se de fogo no lixo, o que era comum nos dias de sol forte.

Ao virar a esquina, porém, deparei-me com os escombros da sede da Irmandade de Lanevuj. O fogo havia consumido tudo, desde as cadeiras até o trono de espaldar alto onde, sentado, eu ensinava aos neófitos os mistérios da ordem.

Repentinamente, ouvi um grito ao longe: - Olha lá ele, pessoal!

Olhando na direção daquela montanha de lixo, avistei uma turba que descia correndo, portando paus, enxadas, latas e garrafas.

Parti em desabalada carreira na direção da estação ferroviária, gritando as palavras de ordem e fazendo os gestos de socorro que havia inventado; porém, nenhum dos milhares de irmãos espalhados pelos quatro continentes, me acudiu.

Ao ser apanhado pela turba furiosa, ainda consegui murmurar, pouco antes de cair desfalecido: - Calma, pessoal, é hoje que eu ia ensinar como transformar lixo em ouro.

. O PERFECCIONISTA

Talvez você não saiba, mas fui servidor público durante trinta anos. Como tal meu salário era, e ainda é como aposentado que sou, pago pelo contribuinte. Por esta razão tomo a liberdade de expor-lhe da melhor forma possível, na qualidade de editor e de meu patrão – como contribuinte pagador de impostos que é - o resultado dos trabalhos que desenvolvi ao longo destes anos todos, na repartição em que dediquei o melhor de minha existência, abdicando até mesmo da fama e da fortuna.

Iniciarei por dizer-lhe que minha mesa sempre foi a mais organizada e limpa de quantas conheci por este país afora. Meus lápis com suas pontas afiadas, minhas borrachas e réguas limpinhas e meus clipes, na quantidade certa para o consumo do dia, eram objeto da admiração de quantos passavam pela frente da minha bela escrivaninha, indo rumo ao banheiro localizado ao final do corredor.

Os carimbos que utilizava nos despachos – Petição Aprovada e Petição Negada - após o uso eram

limpos com esmero, parecendo, àqueles que os viam pela primeira vez, nunca terem sido antes utilizados.

O copo de água sobre minha mesa continha a quantidade certa, necessária para um bom gole a cada hora, de modo a, ao final do expediente, encontrar-se totalmente vazio.

Nada na minha mesa era desperdiçado ou consumido com prodigalidade. Os envelopes eram reutilizados tantas vezes quanto fosse possível em razão de sua resistência, o mesmo ocorrendo com folhas de papel, pastas de arquivo, copos de plástico, elásticos, etc.

Aos poucos os colegas de ofício, que inicialmente me chamavam apenas de Juvenal, passaram a chamar-me por vários apelidos carinhosos, ditos pelas minhas costas, que não cabem aqui serem relatados.

Em razão de minha formação cultural, de verdadeiro autodidata, ter sido muito boa e bem ampla, da qual fizeram parte tanto os autores clássicos quanto os contemporâneos, consigo visualizar, por vezes, coisas e aspectos não percebidos pelos companheiros de seção; razão pela

qual, suponho despertar-lhes certa dose de ciúmes que, até então, tem sido mantida por eles em sigilo.

Em razão de dar expediente durante muitos anos na Secretaria-Geral, ao lado do gabinete de importante autoridade, pude fazer inúmeras observações que me conduziram a classificar as Normas Funcionais segundo as seguintes categorias: Grandes e Pequenas.

As primeiras, no meu entender, dizem respeito ao estabelecimento de critérios necessários ao bom funcionamento do setor público e dos demais setores da sociedade de um modo geral, constituindo, na minha modesta maneira de ver, as Grandes Normas. As segundas referem-se às pequenas coisas que escapam ao olhar arguto das autoridades constituídas como, por exemplo: a maneira do servidor público sentar-se no vaso sanitário sem se contaminar, o modo de carimbar um processo sem que a tinta do carimbo manche a pagina de trás, o jeito de regular a velocidade das pás do ventilador para que a papelada da seção não saia voando, etc.

Como não participava da elaboração das Grandes Normas, aperfeiçoei-me na elaboração das Pequenas Normas.

Assim é que a maior parte do meu tempo de funcionário público, dediquei à elaboração de manuais que buscassem regular as atividades e procedimentos que, embora usuais numa repartição, jamais foram objeto de estudos detalhados sobre tempos e movimentos, de modo a alcançarem a máxima eficiência na alocação dos escassos recursos disponíveis nos órgãos públicos.

Meus primeiros trabalhos neste campo, que me valeram inicialmente elogios por parte dos chefes, foram: ‘Manual sobre como urinar sem molhar a tabua e sem deixar os pingos caírem no chão’ e ‘Manual sobre a utilização racional do rolo de papel higiênico’.

Na elaboração destes dois manuais gastei horas de observação no banheiro da repartição, medindo tempos e movimentos dos usuários. Por vezes necessitei empregar sofisticadas análises de Custo-Benefício ou de Custo-Eficácia. Minha função objetivo, a ser otimizada, algumas vezes consistia em minimizar a quantidade de papel higiênico usado pelo

funcionário e, em outras, maximizar o volume de dejetos lançados dentro do vaso sanitário.

Gabo-me de haver sido o primeiro a descobrir, pessoalmente, a razão pela qual grande parte da urina lançada pelo usuário ficava no chão do banheiro. Para tal tive de recorrer ao estudo da ciência Ótica. Pude notar após muita observação meticulosa, que uma pequena refração, motivada pelo fato do funcionário urinar de pé, fazia com que a incidência dos raios luminosos atingisse de maneira ortogonal a sua retina, proporcionando-lhe uma visão distorcida, ou ilusória, do tamanho da sua torneira. Assim, ao verter água no vaso sanitário, julgando possuir uma torneira maior do que aquela que em realidade tinha, afastava-se a grande distancia do mesmo, fazendo com que parte do líquido caísse ao piso. Para corrigir tal falha mandei pintar no solo, junto ao vaso, uma faixa amarela na qual todo usuário tinha de pisar antes de urinar, independente do tamanho que julgasse ter a sua torneira. Para os cegos mandei colocar um sinal sonoro que apitava, quando alguma gota caia ao chão antes da linha amarela.

Estabelecendo, mediante uma tabela afixada junto ao vaso sanitário, qual o tamanho correto do papel

higiênico a ser utilizado individualmente, em razão das variáveis peso e altura do funcionário, pude economizar substancial quantidade de água e de sabão ao final do mês, já que, em decorrência desta norma, as mãos sujas não necessitavam mais serem esfregadas com tanta intensidade.

Para não me acusarem de parcialidade com relação aos homens, estabeleci normas também para o banheiro das mulheres.

Fixei em apenas dez o número máximo de mulheres que poderiam ir juntas ao banheiro, de cada vez. Da mesma forma, estabeleci o prazo máximo de permanência dentro do banheiro, para cada funcionária, de apenas duas horas. Com isto, a quantidade de lixo oriunda da venda de bijuteria e de produtos de beleza, bem como do consumo de alimentos e da lavagem de roupas íntimas, diminuiu sensivelmente. Cada servidora só poderia ir ao banheiro, a partir do estabelecimento das minhas normas, no máximo dez vezes por dia, já que, para um número maior de vezes passei a exigir atestado médico de incontinência urinária. Com isto creio que resolvi toda a problemática envolvendo o uso dos 'toilettes' durante o horário de expediente.

Meu segundo passo foi dirigir minha atenção para o comercio ambulante dentro da repartição.

Notei que desde o inicio até o final de um dia de expediente - não digo de trabalho, porque este seria bem menor - aproximadamente quarenta vendedores ambulantes, vindos da rua, percorriam as mesas de meus colegas de seção, oferecendo-lhes canetas, celulares, óculos, bijuterias, etc. Muitos destes vendedores trajavam-se mal e andavam, até mesmo, com roupas sujas. Os produtos que vendiam, por sua vez, oriundos do Oriente, quase sempre apresentavam defeitos de fabricação. A partir de então, estabeleci as seguintes normas para o comércio ambulante na repartição:

- 1. Todo camelô deveria ser cadastrado, andar uniformizado e portar crachá nas dependências do órgão público;**
- 2. Os produtos vendidos deveriam, antes de serem pagos, ficar sob caução durante trinta dias com o comprador. Caso apresentassem defeitos seriam devolvidos, sem nenhum pagamento.**

Após a primeira semana de implantação destas normas, tendo o movimento deste comércio declinado, fui chamado à presença do meu chefe que, furioso, ordenou-me revogá-las, alegando a inconstitucionalidade das mesmas e reclamando dos enormes prejuízos que vinha sofrendo. Ao entrar em sua sala pude notar, em cima da mesa, enorme quantidade de aparelhos celulares, relógios, anéis, brincos e colares. Suponho que os camelôs tenham deixado àqueles produtos em caução e não voltaram mais para apanhá-los.

Transferido que fui, pelo chefe, em seguida, para o terceiro subsolo onde funcionavam a Gráfica e a Garagem, levei alguns meses para me adaptar às minhas novas funções, que consistiam em conferir as notas de entrada e saída de material, bem como a relação dos materiais em estoque.

Minha primeira dúvida ocorreu quando vi que saiam mais materiais do que entravam. Ocorreu-me, na ocasião, comparar tal situação com a do milagre da multiplicação dos pães e peixes, de que ouvira falar quando criança.

Após muita pesquisa constatei a origem da divergência. Na falta de normas específicas e de locais adequados para a guarda dos materiais, muitos colegas os levavam para casa, prometendo, a si mesmos, trazerem-nos de volta tão logo fossem necessários.

Após a elaboração de manuais disciplinando a entrada e a saída daqueles materiais, fui, novamente, admoestado pelo chefe que mandou revoga-las - alegando que os materiais guardados em casa estariam menos sujeitos a extravios e a danos de manuseio - e transferiu-me para o Setor de Concorrências, no quinto subsolo.

Naquele setor pude conhecer, com maior intimidade, os nossos fornecedores. Faziam, todos, parte de uma família numerosa, composta por pai e oito filhos, cada qual com sua firma individual e todas localizadas no mesmo endereço.

Cada vez que meu chefe anunciava uma concorrência para aquisição de determinada mercadoria ou material, a família concorria tanto com o preço mais baixo quanto com o preço mais alto. Se algum concorrente, estranho à família, oferecesse um

preço intermediário, o irmão com o preço mais baixo ganhava. Se nenhum concorrente estranho aparecesse, o irmão com preço mais baixo desistia e o ganhador era o irmão com o preço mais alto. Já forneciam para a repartição há muitos anos. Meu chefe, que frequentava assiduamente a casa deles, recebia inúmeras cestas com alimentos e bebidas em ocasiões festivas, tais como: seu aniversário, natal, carnaval, finados, proclamação da república, abolição da escravidão, etc. Notando a baixa qualidade das mercadorias e dos materiais que forneciam para a repartição, bem como o alto preço unitário daqueles itens face aos preços de mercado, iniciei por criar um Banco de Dados com os preços daqueles bens, que coletava mensalmente junto aos fabricantes, para cotejá-los com os preços ofertados nas concorrências.

Por outro lado, elaborei normas que impediam a participação de empresas localizadas no mesmo domicílio e pertencentes à mesma família.

Na primeira concorrência realizada após minha chegada, na hora da abertura das propostas, afirmei, com base nas normas por mim elaboradas, que as empresas da tradicional família estavam impedidas de

participar. Após a enorme confusão que se seguiu, fui voto vencido, pois, naquele dia, meu chefe e vários dos seus assessores e amigos, que nunca haviam participado de concorrências, fizeram parte da Comissão de Licitação e a única voz discordante foi a minha. Ao ser posto para fora da sala aos empurrões, ainda consegui argumentar que o preço apresentado pelo irmão vencedor estava quinhentos por cento acima do preço de mercado, porém meu chefe, que não entendia daqueles aspectos legais e econômicos, deixou-se mais uma vez enganar, ordenando que a sala fosse trancada a chave. Passou o resto daquele dia, incomunicável, junto com os irmãos concorrentes.

Como era uma sexta-feira, fui direto para casa estudar toda a legislação referente a Concorrências e Processos Licitatórios, buscando uma brecha para anular aquela. Tendo finalmente descoberto um caminho legal bastante promissor, ao chegar cedo, na segunda-feira, para comunicar o fato ao chefe, não encontrei minha mesa na sala da repartição. Fui informado por um continuo que a mesma havia descido, na própria sexta-feira anterior, para o oitavo subsolo.

Lá descendo encontrei-a, solitária, ao lado do gerador de energia para emergências. Perguntando, fiquei sabendo que ali se reuniam os fiscais externos da nossa repartição. Como necessitavam de lugar sossegado para estabelecer as estratégias de fiscalização das empresas sobre suas responsabilidades, ocupavam aquele subsolo. Minha nova função seria a de supervisionar a atividade daqueles fiscais.

Marquei logo uma reunião para o mesmo dia à qual, de um total de dez fiscais, apenas dois compareceram. Estes dois, ao serem inquiridos por mim sobre suas atividades, mostraram-se evasivos e apenas murmuraram algumas palavras ininteligíveis. Nas semanas que se seguiram, por mais que insistisse, não consegui reunir os fiscais para uma reunião conjunta. Um havia tido problema com o iate em Angra dos Reis, outro estava supervisionando a construção de seu hotel em uma praia do nordeste, outro ainda não havia retornado de Miami onde possuía residência de fim de semana.

Quando, após dois meses, consegui reuni-los, a reunião foi pouco produtiva. Notei que formavam um grupo coeso. Falavam, entre si, sempre em voz baixa,

e percebi que possuíam um líder, tipo baixo, barbudo e atarracado, chamado pelos companheiros de Natário. Ao perguntar seu nome completo, respondeu-me: Stélio Natário, às suas ordens, chefe!

Resolvi segui-lo, disfarçadamente à distância, para ver como atuava no dia a dia junto às empresas fiscalizadas. Constatei que sempre que saía de uma empresa que acabara de fiscalizar, procurava rapidamente uma agência bancária, na qual entrava e permanecia por cerca de vinte minutos.

Aguardando do lado de fora sua saída, pude constatar como é duro trabalhar externamente à repartição. Se não fosse o expediente de entrar no banco e lá permanecer no ar condicionado por cerca de vinte minutos, o fiscal não agüentaria o terrível calor das ruas.

Voltando para a seção, iniciei por estabelecer normas sobre a atuação dos fiscais. Buscando evitar que os mesmos sofressem os efeitos dos raios solares – a principal causa de melanoma em idade avançada - determinei que os responsáveis pelas próprias empresas fiscalizadas, a partir daquele momento, deveriam comparecer, pessoalmente, à

repartição, onde eu teria a oportunidade de conhecê-los e de participar, também, diretamente da fiscalização, trazendo novas idéias e sugestões.

Baixada a norma, cinquenta por cento dos fiscais entraram com pedido de Licença-Prêmio e trinta por cento em Licença para Tratamento de Saúde. Como dez por cento estava gozando do Auxílio Reclusão, apenas pude continuar contando com os dez por cento restantes, isto é, um funcionário. Impossibilitado, assim, de cumprir minha missão - pois as empresas contavam-se em centenas e os fiscais em unidades - voltei, então, a dedicar-me à elaboração de normas e manuais que julgava úteis para o funcionamento interno da minha repartição.

Passei, assim, a parte final da minha vida de servidor público a elaborar regras que eram lançadas, sob a forma de tiras cortadas, pelas janelas dos andares mais altos ao final do último dia do ano.

Meus principais manuais, frutos de denodado esforço de observação sobre a realidade de um órgão público, foram:

- 1. Como guardar camarão-frito com repolho dentro da gaveta da escrivaninha, por uma semana, evitando que estrague e que exale mau cheiro;**
- 2. O que todo funcionário deve saber, para conseguir vender bem seus produtos no horário do expediente;**
- 3. Aprenda a distinguir as várias espécies de ratos que habitam em uma Seção;**
- 4. Como usar a mesma roupa durante trinta dias, sem lavar;**
- 5. Mil desculpas para esticar um pouco mais o horário do almoço;**
- 6. A arte de chegar tarde e sair cedo;**
- 7. O que pode ser reaproveitado em uma lixeira de Seção;**
- 8. Falar mal do colega pelas costas: Arte ou Ciência;**

9. A Inveja Criadora: Como decolar na Administração Pública tendo a inveja como propelente;

10. Nem à esquerda, nem à direita: As dez razões pelas quais um carimbo deve ser colocado bem no centro da página.

Alguns outros manuais ainda pude elaborar durante minha trajetória de servidor público, porém creio que estes mencionados foram os mais importantes.

Tendo atingido a idade da aposentadoria sem haver recebido nenhuma promoção, resolvi que era chegada a hora de, finalmente, descansar.

No último dia de trabalho guardei meus lápis, régua e borrachas dentro da pasta e entreguei meu copo de plástico na cozinha. Com lágrimas nos olhos fixei, pela última vez, aquelas instalações que me abrigaram como mãe carinhosa durante trinta anos. Tentei despedir-me com um olhar dos companheiros de trabalho, porém, notei que me viravam o rosto, certamente para que eu não visse as lágrimas de tristeza que vertiam copiosamente naquela ocasião.

Aposentado, casado há pouco com Heleninha e vivendo cansado de ver televisão e de alimentar o gato preto que comigo convive há quase quinze anos, resolvi reiniciar a elaboração de novos e modernos manuais, agora, porém, com uma conotação não de utilidade pública, mas de utilidade privada.

Depois de muito observar a realidade do bairro onde moro na periferia, elaborei alguns manuais que distribuí para os moradores locais desempregados.

Certamente, hoje em dia, ao ser abordado em um sinal de trânsito por um vendedor de balas que, correndo, coloca o saquinho no seu espelho retrovisor, você não imagina que aquele modo de vender balas foi por mim desenvolvido em meu ‘Manual do Vendedor de Balas’, após meses de pesquisa.

A própria frase exclamativa “Perdeu Cara!”, dita por bandidos no ato do assalto foi, inescrupulosamente, apropriada do meu ‘Manual do Flanelinha’. A frase, hoje tão em moda, foi criada por mim para ser dita como desculpa pelo guardador de carros, quando o motorista, ao pegar seu veículo, reclamasse da falta das calotas ou de algum pneu.

Malabarismos com laranjas, com tochas pegando fogo, com pedras, etc., foram também por mim desenvolvidos, como forma alternativa dos desempregados obterem alguns trocados de motoristas desatentos nos sinais de trânsito fechados.

A técnica de colocar barracas nas calçadas, no meio dos transeuntes, por mim desenvolvida após exaustivas pesquisas e citada no ‘Manual do Camelô Profissional’, foi o modo que encontrei de proporcionar, de forma magistral, a verdadeira integração entre as classes sociais.

A ‘Tática do Arrastão’, por mim criada, e cujo objetivo inicial era motivar a união entre as classes menos favorecidas em torno de um objetivo comum, foi sendo, com o passar do tempo, tão utilizada que hoje é adotada até pelas classes mais favorecidas da Capital Federal, notadamente a dos políticos.

Com esta resumida exposição, creio haver, meu caro editor, saldado minha dívida de gratidão para com você por haver contribuído, com seus impostos, para o pagamento de meus salários durante todo esse tempo.

. JUVENAL “O MAGNÍFICO”.

Fazia cinco anos que havia me aposentado. Durante trinta longos anos fui servidor público, subalterno, naquela repartição onde padeci sob as mãos de vários chefes.

Na ociosidade, desde então, limitava-me à leitura diária dos jornais, à elaboração de manuais, ao bate papo com os amigos no bar do seu Manuel e a encher a paciência de minha esposa Heleninha, criticando sua atuação à frente da administração das coisas domésticas.

Certo dia, durante uma leve discussão em casa, minha mulher sugeriu que saísse um pouco, que fizesse algum curso, de qualquer coisa, apenas para me ocupar. Enfim, pediu-me que a deixasse em paz.

Na tarde daquele mesmo dia, passeando pelas ruas do bairro, tive minha atenção despertada para uma placa na porta de um prédio, com os seguintes dizeres: “Mestre Maradon - El Rey de los Mágicos – Aulas de mágica para velhos e crianças. Surpreenda

seus amigos fazendo mágicas, levitando, serrando pessoas ao meio, desaparecendo no palco, etc. Primeira aula grátis. Sala 606”.

Subindo à sala 606 deparei-me com um tipo gordo, de barba e bigode, vestindo terno preto, que me cumprimentou efusivamente em uma língua mista de português com espanhol. Pela sua entonação e postura, pareceu-me estar drogado.

A duração do curso era de uma semana, segundo afirmou, ao preço total de vinte reais. Após a aula grátis frequentei as pagas e, ao final da semana, já me considerava um verdadeiro mágico.

Executava truques com cartas, tirava coelhos de cartolas, fazia desaparecer moedas e relógios. Com relação às mágicas mais complicadas, entretanto, ainda tinha algumas dúvidas, pois, em razão de não compreender bem a língua falada pelo Mestre Maradon, algumas passagens ainda permaneciam obscuras.

O fato não me preocupava, pois apenas pensava fazer truques simples para os amigos e parentes.

O Mestre me havia dito que, para causar boa impressão ao público, deveria adotar um nome altissonante, que impressionasse os espectadores. Passei, então, a adotar o nome de Juvenal “O Magnífico”.

Em um sábado à noite, durante festa de noivado da sobrinha de minha mulher realizada em clube do bairro, pediram-me para fazer algumas mágicas que distraíssem os convidados por algum tempo.

Subi ao palco, agradei os aplausos e comecei pelos truques mais simples que havia aprendido. Fiz surgir um coelho, e logo após um pombo, de dentro de uma cartola. Tirei cigarros acesos do ar, fiz surgir bolas brancas com simples movimentos das mãos, fiz truques com cartas de baralho, etc.

Ao fim do espetáculo, como o público empolgado me aplaudisse de pé e pedisse bis, eu, eufórico com a admiração da platéia, resolvi apresentar uma mágica, até então, jamais realizada por mim. Anunciei que serraria uma ajudante ao meio, e depois a uniria novamente. Trouxe de casa a urna onde deitaria minha ajudante, e a serra que a cortaria. Dentre os presentes, sob protesto dela, escolhi minha própria

esposa para protagonista da mágica, objetivando dar mais veracidade à mesma.

Ao público pedi silêncio e, sob uma luz lilás, iniciei o meu número de mágica.

Heleninha deitou-se na urna, que foi fechada. A seguir, liguei a serra elétrica e comecei a cortá-la ao meio. Terminado o serviço, coloquei duas placas de metal no local do corte, de modo a vedar cada lado da urna que havia sido cortado.

Em seguida, separei as duas partes, sob o aplauso do público presente. Minha esposa, dentro de uma das partes da urna, mexia a cabeça e, na outra, mexia os pés.

Em continuação, juntei as duas partes da urna para finalizar o espetáculo, conforme havia aprendido com Mestre Maradon.

Ao retirar as placas de metal, para unir os dois lados da urna e também o corpo da minha esposa, notei que não havia dado certo, pois o corpo dela ainda estava separado.

Na mesma hora veio-me à mente alguma daquelas instruções que não havia entendido bem, em razão da língua enrolada que Mestre Maradon falava. Algo saíra errado. Depois de várias tentativas infrutíferas, pedi desculpas aos presentes e abaixei as cortinas.

Do camarim mesmo liguei para a sala de Mestre Maradon. Uma atendente, falando em castelhano, informou que ele havia partido de férias para a Argentina, onde havia sido contratado para técnico de um clube de futebol local, e só retornaria no ano seguinte.

Aluguei uma ambulância e levei Heleninha para casa, dentro da urna. Para subir pelo elevador tive de colocar uma parte da urna em cima da outra, já que aquele prédio, por ser antigo, possuía um elevador muito apertado.

Em casa, coloquei a parte da urna em que estava a cabeça e o tronco da minha esposa dentro do quarto do casal. A outra parte, coloquei no banheiro, pois achei que ficaria mais fácil, caso ela sentisse alguma necessidade urgente e imperiosa.

A seguir, pela internet, procurei outros mágicos que pudessem ajudar-me a unir as duas partes. Informaram-me que o método que havia sido utilizado para separá-la era muito antigo e já superado, não sendo mais utilizado em nenhuma parte do mundo. Dos mágicos contatados nenhum sabia como utilizá-lo.

**Conformado, voltei para o quarto e disse à mulher:
- Minha filha, você vai ter que aguardar até o próximo ano, que é quando meu mestre volta da Argentina!**

Quando ela abriu a boca para reclamar, calmamente, respondi: - Heleninha, a culpa foi sua! Você é que me mandou aprender alguma coisa! Eu estava muito bem no meu cantinho, tomando minha cervejinha!

. UM AUTOR A PROCURA DE UM PERSONAGEM

De tanto elaborar manuais para a repartição pública onde penei por mais de trinta anos, desenvolvi certo gosto para escrever.

Tanto é assim que, nas horas passadas em casa, longe da Seção na qual dava expediente como funcionário público, minha única distração era rascunhar pequenos contos ou estórias, nos quais a imaginação, vagando por lugares distantes e inter-relacionando épocas e personagens, permitia manter meu pensamento alheio aos assuntos da repartição.

Naquela bela manhã de sol, resolvi dar um passeio de ônibus pela cidade. Buscava inspiração para um conto envolvendo amor, sexo e violência, que havia iniciado a escrever na véspera.

Na noite anterior, havia trabalhado até altas horas esquematizando o conto, porém, faltava-me inspiração para o personagem principal. Por mais que tentasse, não conseguia visualizar um personagem adequado,

nem desenvolver seu papel ao longo da estória. Ao contrario do escritor Luigi Pirandello que tinha “Seis Personagens a Procura de um Autor”, eu era um autor a procura de apenas um personagem.

Segundo minha concepção, deveria ser um tipo violento, capaz de amar e odiar com a mesma intensidade. Sua principal fonte de interesse era o sexo, podendo até, eventualmente, demonstrar amor por alguém ou vir a apaixonar-se.

Sai, assim, naquele dia, com o único objetivo de descansar a mente da estafante noite anterior.

Após o café da manhã, dirigi-me ao ponto de ônibus na rua em frente a minha residência, no sopé do Morro do Cavalão, em Niterói - onde residia na ocasião por razões de segurança, já que era amigo do dono do morro. Embarcando, sentei-me à janela e pus-me a apreciar a vista da praia. Após percorrer várias ruas secundárias, o coletivo entrou na via principal, toda ela dedicada ao comércio.

Varias lojas de artigos diversos alternavam-se. Em multidão, as pessoas esbarravam-se pelas calçadas. Pensei, na ocasião, como a sociedade humana

assemelhava-se a um formigueiro. Cada um desempenhando seu papel. A única diferença que via é que a formiga trabalhava para o bem estar do formigueiro e o ser humano trabalhava, apenas, para o seu próprio bem estar.

Seguia divagando quando minha atenção foi despertada por um tipo alto e forte, com uma grande cicatriz no rosto, andando pela calçada como se procurasse algo.

Na mesma hora soube que havia encontrado meu personagem. Precisando estudá-lo com detalhes, desci do ônibus e passei a segui-lo, disfarçadamente.

O tipo pareceu perceber alguma coisa estranha, pois, continuamente, voltava o rosto para ver se estava sendo seguido.

Sutilmente permaneci andando em seu encalço, por vezes atravessando a rua e continuando a persegui-lo da calçada do outro lado.

Enquanto o seguia, imaginava sua idade, sua profissão, onde morava e qual o motivo que o levava a estar naquele local àquela hora.

Repentinamente, parando em frente a uma casa de armas e munições, olhou por alguns minutos a vitrine, onde eram expostas dezenas de pistolas e revólveres, e entrou, abrindo vagarosamente a porta de vidro.

Cheio de curiosidade, atravessei a rua e mirei por algum tempo a vitrine da loja. Pelo canto dos olhos pude vê-lo experimentando, junto ao balcão, vários tipos de pistolas.

Pouco depois, fixando-se em uma, comprou-a. Pagou no caixa, pegou-a na seção de embrulhos e preparou-se para sair da loja.

Minha mente fervilhava: Iria cometer um assassinato? Seria um assaltante de bancos preparando-se para mais um assalto? Aquela arma estaria destinada a por fim à vida da amante e, logo em seguida, à dele próprio?

Mentalmente desenvolvia assuntos, suposições e episódios, para escrever mais tarde em casa.

Saindo da loja com o embrulho, continuou pela mesma calçada. Aonde iria agora?- perguntava a mim mesmo. Não posso perdê-lo de vista, pois meu conto

depende dele, pensava naquele instante. Continuando em seu encalço tive a atenção voltada para uma jovem que caminhava em sentido contrario ao meu. Era morena e possuía lindos olhos verdes. Seu vestido colante deixava antever um lindo par de coxas. A blusa, ligeiramente aberta, deixava à mostra dois volumosos seios que meus olhos negavam-se a abandonar.

Ao passar por mim, deu um ligeiro sorriso que me pareceu um velado convite.

Olhando para trás, após sua passagem, vislumbrei as nádegas mais lindas que já havia contemplado. Aqueles glúteos eram redondinhos e balançavam em gracioso movimento de sobe e desce, conforme ela caminhava. Fiquei alguns momentos pensando se o nome, glúteos, não teria sido uma homenagem da ciência da Anatomia a nós, os glutões.

Voltando em seguida ao meu personagem, parei estarrecido. Ele havia simplesmente evaporado. Apressei o passo chegando, mesmo, a correr por alguns minutos. Nada, não o via em parte alguma.

Percorri de volta o caminho que fizera, olhando dentro das lojas, atrás das árvores, no interior dos carros. Nada.

Caminhei ainda, durante aproximadamente meia hora, pelas ruas adjacentes vasculhando tudo, porém, meu personagem já havia mesmo desaparecido e, com ele, a minha estória.

No retorno para casa, desanimado e cabisbaixo, sentado junto ao corredor do ônibus, só percebi que estávamos sendo assaltados quando o meu personagem, encostando a pistola na minha cabeça, berrou para que todos os passageiros ouvissem: - “Pelo amor que vocês têm à vida, passem a grana se não eu vou fuder a alma desse otário aqui com cara de ‘panaca’, e depois vou dar tiro em cima de todo mundo dentro do ônibus”!

Tendo perdido, juntamente com os demais passageiros, tudo o que carregava comigo: dinheiro, relógio, anel, celular e cordão de ouro, etc., uma enorme alegria inundou-me naquela viagem de volta. Felizmente, havia recuperado minha estória, e com ela novas cenas de amor, sexo e violência.

. O PROFESSOR DE FILOSOFIA

Depois de aposentar-me e passar algum tempo desfrutando da ociosidade no bairro em que morava, um belo dia, cansado da violência e da vida agitada de Niterói - principalmente logo após o desaparecimento do dono do Morro ao pé do qual eu residia, sem deixar vestígios, durante uma batida policial - disse, abruptamente, para minha mulher que preparava o café da manhã: - Heleninha, meu bem, já me decidi! Vamos nos mudar daqui!

Ela, apanhada de surpresa, ainda tentou argumentar, porém fui inflexível: - Vou colocar o apartamento à venda e procurar uma casa tranqüila em uma cidadezinha pequena do interior! Lá, vou arranjar um empreguinho, através dos meus amigos maçons, e até ganhar um dinheirinho extra!

Como não tínhamos filhos, Heleninha acabou concordando. Em pouco tempo vendemos o apartamento e compramos uma bonita casa em Conceição do Mato Dentro, no norte do Estado.

Através de meus contatos na maçonaria consegui um emprego de professor na Faculdade Matodentense de Filosofia, única em toda aquela vasta região, cujo curso era ministrado, de forma mais ou menos amadora, por vários professores. Alguns deles nem mesmo formados eram.

Os alunos eram, em sua maioria, oriundos do próprio município ou de municípios vizinhos e eu, que havia sido funcionário público durante toda a vida, embora não soubesse, naquela época, quase nada de Filosofia, achava que seria fácil, com minha experiência de morador da capital, enrolar caipiras que viviam no interior.

Em minha aula inaugural falei sobre as dificuldades de moradia na cidade grande, sobre as crianças abandonadas, sobre a violência, sobre a corrupção das autoridades, etc. Fazendo uma ligação entre o que havia dito e a Filosofia, disse que aquilo tudo ocorria por que as pessoas, de uma maneira

geral, não eram amigas do conhecimento (filo = amigo, sofia = conhecimento). Associei o aquecimento global e os movimentos sísmicos do planeta ao desconhecimento dos princípios filosóficos pela maioria dos seres humanos; já que a própria natureza, sem que o soubéssemos, era comandada por tais princípios. Finda a aula fui aplaudido pelos presentes que, não tendo entendido nada, julgaram ser aquilo normal, já que sempre haviam ouvido dizer que Filosofia era uma coisa complicada. Após a aula acreditei que seria bem fácil conduzir aquelas exposições até o final do ano letivo. Na véspera de cada uma, seleccionaria algum assunto do jornal do dia anterior e pronto, com um pouco de improvisação, a aula estaria concluída. Passei, a partir de então, a denominar-me não mais professor Juvenal, mas sim, conferencista Doutor Juvenal.

Certo dia ao cortar o cabelo na barbearia local, recebi, entregue por um mensageiro da faculdade, correspondência a mim destinada, remetida pelo Ministério da Educação e que versava sobre o programa de aulas, recentemente aprovado pelo ministro, para as Faculdades de Filosofia de todo o país. Ao abrir o envelope meu coração acelerou.

Naquela ocasião tive um mau pressentimento, porém, segui em frente. Ao ler o conteúdo tomei ciência de que o roteiro que deveria adotar para minhas aulas, daquele momento em diante, até o término do ano letivo, consistia em discorrer sobre os seguintes filósofos e suas teorias:

Filosofia Helênica

.Pré-Socráticos Monistas (Tales de Mileto, Anaximando, Anaxímenes, Pitágoras, Heráclito, Parmênides e Zenão);

.Pluralistas (Empédocles, Anaxágoras, Leucipo e Demócrito);

.Sofistas (Protágoras, Górgias e Pródico);

.Sócrates;

.Platão; e

.Aristóteles.

Filosofia Romana

.Epicurismo (Epicuro);

.Estoicismo (Zenão de Citio);

.Ceticismo (Pirro de Elis);

.Neoplatonismo (Plotino de Alexandria);

.Cínicos (Antístenes e Diógenes) e

.Ecléticos (Cícero).

Filosofia Medieval

.Agostinho de Hippo;

.Anselmo de Canterbury;

.Tomás de Aquino;

.João Duns Escoto;

.Roger Bacon e

.Willian de Ockhan.

Filosofia da Renascença

.Volta do Neoplatonismo (Aristóteles, Estóicos, Epicuristas e Atomistas);

.Cosimo de Médici;

.Nicolau de Cusa;

.Bernardino Telésio;

.Giordano Bruno; e

.Nicolo Maquiavel.

Humanismo

.Francesco Petrarca;

.Erasmus de Roterdan; e

.Thomas Morus.

Reforma Protestante

.Martinho Lutero; e

.João Calvino.

Revolução Científica

.Heliocentrismo (Nicolau Copérnico, Johanes Kepler e Galileu Galilei);

.Imprensa (Johanes Gutemberg).

Renascença

.Francis Bacon;

.René Descartes;

.Thomas Hobbes;

.Baruch Spinoza; e

.Gottfried Leibniz.

Empirismo Inglês

.John Locke;

.George Berkeley; e

.David Hume.

Iluminismo Francês

.Montesquieu;

.Voltaire; e

.Jean Jacques Rousseau.

Idealismo Germânico

.Immanuel Kant;

.Johann Gottlieb Fichte;

.Friedrich Wilhelm Josef von Schelling;

.George W.F. Hegel;

.Arthur Schopenhauer; e

.Friedrich Wilhelm Nietzsche.

Utilitarismo

.Jeremy Bentham; e

.John Stuart Mill.

Transcendentalismo Americano

.Ralph Waldo Emerson;

.Henry David Thoreau;

.William Ellery Channing; e

.Amos Bronson Alcott

Existencialismo

.Edmund Husserl;

.Soren Kierkegaard;

.Martin Heidegger;

.Albert Camus; e

.Jean Paul Sartre.

Filósofos Europeus Contemporâneos

.Henri Bergson;

.Benedeto Croce;

.Ludwig Josef Johan Wittgenstein;

.Michel Foucault;

.Jacques Derrida; e

.Bertrand Russell.

Filósofos Americanos Contemporâneos

.George Santayana;

.William James; e

.John Dewey.

Sociologia, Antropologia e Psicologia

.Karl Marx;

.Max Weber;

.Émile Durkheim;

.Sigmund Freud;

.Carl Gustav Jung;

.John Watson;

.B.F.Skinner;

.Alfred Adler;

.William James; e

.Jean Piaget.

A contemplação daquela enorme relação de nomes, dos quais nunca antes ouvira falar, deixou-me totalmente fora de mim. Uma ânsia de vômito, seguida de tiques nervosos, acompanhou-me até o final do dia.

Durante aquela noite não consegui dormir. Fiquei rolando pela cama, imaginando como faria para inteirar-me sobre quem seriam aqueles filósofos e acerca do que haveriam filosofado. A relação era tão grande que, mesmo com a ajuda dos amigos e da maçonaria, jamais conseguiria estudá-los todos para saber o que pensavam e sobre o que haviam escrito. Não sabia nem por onde começar.

Pensei em desistir de tudo, vender a casa e mudar-me de novo para Niterói.

Heleninha, ao ver-me naquele estado depressivo, sugeriu que desse um passeio até as margens do rio Mato Dentro, que cortava o município de norte a sul. Sentado na mureta da ponte sobre o rio, pensando firmemente em atirar-me nas suas caudalosas águas, fui, subitamente, acometido de luminosa idéia. Afinal, não precisaria saber de cada autor nada mais do que o simples nome. Bastaria saber alguma coisa sobre um deles, Sócrates, por exemplo. Cada vez que tivesse de

falar sobre algum outro, daria um jeito de acabar me referindo ao Sócrates para, em seguida, finalizar a aula falando tudo o que sabia sobre este filósofo grego.

Feliz da vida retornei à casa para preparar a aula de sexta-feira.

Naquela aula, segundo o programa que havia recebido do ministério, deveria falar sobre os Pré-Socráticos. Fiquei até altas horas da noite preparando meu material, que consistia em um pequeno livro para crianças, falando sobre a vida do filósofo quando pequeno e sobre sua morte, além de uma coleção antiga do 'Jornal dos Esportes' que continha tudo sobre a vida do jogador de futebol Sócrates, do Corinthians, que havia sido campeão mundial jogando pela Seleção Brasileira.

Na manhã de sexta-feira dirigi-me para a sala de aula, onde os alunos já me aguardavam. Ocorre que, justamente naquele dia, dois fatos imponderáveis sucederam. Primeiramente o Grão Mestre Geral da Ordem Maçônica, em visita à Loja Maçônica local e sabedor de que um maçom era professor de Filosofia na faculdade do município, resolvera prestigiá-lo assistindo sua aula. Em segundo lugar o funcionário

do Ministério da Educação, responsável pela fiscalização do cumprimento dos programas curriculares das Faculdades de Filosofia, encontrava-se de passagem pelo município e resolvera verificar a qualidade do curso ministrado na Faculdade Matodentense.

Dei início à aula argumentando que aquela seria uma conferência que fazia em homenagem ao Grão Mestre da Maçonaria e ao alto funcionário federal, ali presentes. Comecei por mencionar que era, realmente, uma pena que os filósofos Pré-Socráticos não houvessem nascido depois de Sócrates. Se pudessem ter-se baseado naquilo que Sócrates disse, não teriam ficado por aí falando sozinhos, dizendo as tolices que disseram, acrescentei.

Enquanto eu falava, disfarçadamente, percorria a sala com olhar atento, buscando captar qualquer gesto ou movimento que indicasse aprovação ou reprovação sobre àquilo que dizia.

Continuando, afirmei que Sócrates era tão bom que havia feito parte da Seleção de Filósofos que participara da Copa Mundial de Filosofia, realizada pela primeira vez na Grécia. Infelizmente, acrescentei,

a inveja dos companheiros, com relação ao seu talento e aos tentos que marcara, levou-o à morte. Julgado pelos cartolas gregos, afirmou, foi condenado a tomar um veneno mortal.

Sócrates, entretanto, era um verdadeiro profissional em tudo o que fazia. Para ingerir o veneno, uma espécie de remédio para ratos que existia na Grécia, exigiu um cálice de cristal dos mais caros. Como o veneno era muito amargo, solicitou ao carrasco duas colheres e meia de açúcar, além de uma colherinha de ouro para mexer o mesmo. Tomou tudo sem fazer careta, segurando a taça com a mão direita e levantando o dedo mindinho bem alto.

A esta altura, imaginava o Grão Mestre da Ordem pensando consigo mesmo: - Que excelente professor, conhece tudo sobre o assunto! Quem será o irmão Maçom que o indicou para o cargo? Vou averiguar para felicitá-lo!

O alto funcionário do ministério, que observei tomando notas em um bloco de papel, certamente deveria estar pensando em providenciar, urgentemente, maiores verbas para aquela faculdade,

tão logo retornasse a Brasília, haja vista a excelente qualidade do seu corpo docente.

Os alunos, embora não soubessem quase nada sobre a matéria, deveriam estar maravilhados com tamanha demonstração de conhecimento filosófico, posto haver descido a tantos e a tão pequenos detalhes.

Empolgado, prossegui: - Sócrates, o campeão dos campeões, deixou um verdadeiro vazio nos verdes gramados da Filosofia, após sua partida! Nunca antes alguém havia driblado, tão bem, a busca pelo conhecimento como ele fez e, verdade seja dita, sem técnico algum para orientá-lo!

Felizmente, argumentei, não tinha para persegui-lo uma Confederação Burocrática de Filosofia (CBF) ou uma Federação Internacional de Filosofia Amadora (FIFA), que vivessem apontando falhas e inconsistências suas.

Para finalizar a conferência fiz breve referência aos sucessores de Sócrates, afirmando: - Senhores, hoje o que se vê por aí não passa de mediocridade filosófica. Os novos filósofos são verdadeiros pernas-de-pau,

comparados com Sócrates. Nenhum deles sabe levantar uma hipótese ou teoria e mantê-la no ar por muito tempo. Muito daquilo que ensinam não passam de verdadeiros chutes, que a própria trave da verdade se encarrega de rebater e desmentir. O filósofo de hoje não sabe trabalhar mais em equipe, querendo ser o único a receber todos os méritos quando coloca sua teoria, redondinha, dentro da rede da história. Meus amigos, senhor Grão Mestre e senhor funcionário federal, tenho dito!

Curvei-me, a seguir, com humildade, para agradecer os aplausos que esperava ouvir dos presentes.

Sai dali, pouco depois, em uma ambulância do Posto Médico Municipal, direto para uma casa de repouso psiquiátrico.

A estrondosa vaia que recebi, após terminar a conferência, foi ouvida até no centro da cidade, conforme relataram ao jornal ‘Correio Matodentense’ alguns moradores mais antigos. Tomado por súbita crise de choro tive de ser contido, pois ameacei atirar-me da janela daquele terceiro andar.

Dizem, porque não me lembro de nada, que ao ser levado para o interior da ambulância, ainda murmurava baixinho: - Sócrates, meu filho, esteja onde estiver, vê se me ajuda aí o cara!

. A SENSÇÃO DE LIBERDADE

Após período de tratamento em organização psiquiátrica a que tive de recorrer, em razão de surto psicótico originado de forte trauma vivenciado durante o tempo de professor de filosofia em faculdade do interior do Estado, voltava, naquele fatídico dia, para um apartamento alugado no bairro do Vital Brasil, em Niterói, em veículo conduzido por minha esposa Heleninha. Escolhera o Vital Brasil para residir por ser um bairro meio isolado, onde pretendia recuperar-me do forte trauma pelo qual passara e manter-me afastado dos amigos que deixara naquela instituição psiquiátrica, notadamente o Diretor Administrativo-Financeiro que insistia em receber o pagamento das diárias, honorários e medicamentos, supostamente gastos comigo no período em que estive sob tratamento. Como não me lembro de nada, referente ao intervalo de tempo em que estive sobre cuidados médicos, não posso afirmar que suas alegações sejam verdadeiras e que tenha deixado alguma dívida pendente.

Havíamos saído cedo da Casa de Saúde e Heleninha, animada com a perspectiva de voltar ao convívio das amigas, que deixara em Niterói ao se mudar para a cidadezinha de Conceição do Mato Dentro, vinha cantarolando uma canção que ouvira há pouco no rádio.

Ao distrair-se, abaixando para pegar um cigarro aceso que caíra no chão do carro, colidiu frontalmente com um caminhão tanque carregado de gasolina.

Com a batida fui atirado para frente chocando-me com o pára-brisa. Heleninha foi jogada fora do veículo, ficando caída na pista.

Em breve chegaram os bombeiros e ambos fomos conduzidos a um hospital próximo.

Os médicos recém-formados que nos atenderam, após conferenciarem entre si e darem vários telefonemas para antigos professores, diagnosticaram, no caso de Heleninha, fratura de um braço e da mão. No meu caso, mais complexo segundo afirmaram, não disseram nada e resolveram enviar-me de ambulância para o Rio de Janeiro, onde existiam melhores médicos e hospitais.

Após uma série de tomografias, veio o diagnóstico: fratura da bacia, das costelas, das clavículas, das omoplatas, dos braços e das pernas.

Com a total recuperação de Heleninha esta procurou dedicar-se, de corpo e alma, aos meus cuidados, notadamente porque fora a única responsável por aquele meu estado lamentável. Eu, de início revoltado pelo que me havia ocorrido, aos poucos, com o auxílio profissional de psiquiatras, conformei-me.

Com o passar do tempo, ocorreu-me que, embora engessado do pescoço para baixo, poderia usar a boca para pintar, escrever, etc.

O novo aprendizado foi demorado e cansativo, porém, finalmente já conseguia escrever e até pintar, segurando a caneta ou o pincel entre os dentes.

Totalmente imobilizado naquela cama, ao começar a escrever passei a sentir-me verdadeiramente livre. Minha mente vagava pelo tempo e pelo espaço, criando personagens, situações e acontecimentos.

Comecei, a partir de então, a viver uma nova vida de escritor, livre, paralela à minha vida de permanente personagem aprisionada. Minhas criações literárias faziam tudo o que eu estava impossibilitado de fazer.

Tendo iniciado um conto cujo personagem principal, um professor de filosofia muito culto e inteligente, apaixonara-se por empregada doméstica burrinha, que contratara como serviçal, vi-me, repentinamente, diante de um inesperado dilema: O senhor Lanevuj - era assim que denominei o professor - recebera uma proposta para lecionar em pequena Faculdade de Filosofia no interior do Estado. Na ocasião encontrava-me na dúvida se o professor Lanevuj deveria casar-se com a empregada e aceitar o cargo de professor na cidadezinha do interior ou, ao contrário, continuar solteiro e morando na capital.

Por fim, decidindo que Lanevuj deveria ir mesmo para o interior, comecei a preparar sua saída.

Primeiro casei-o na igreja matriz do bairro, com direito a festa no clube e lua de mel em Petrópolis. Finda esta, o próprio personagem contratou empresa de mudanças para levar sua mobília até Conceição do Mato Fora, pois era este o nome da cidadezinha para

onde ia, e alugou um carro no qual ele e a esposa iriam para seu destino final.

No dia da partida Lanevuj acordou cedo, colocou alguns pertences em uma maleta de mão e saiu dirigindo o veículo em direção à auto-estrada, junto com a esposa sentada no banco do carona.

Ao atingirem a rodovia aumentou a velocidade do automóvel e parecia, pelo olhar, estar procurando algo.

Pouco depois avistou, vindo em sentido contrário, um caminhão tanque conduzindo gasolina.

Aumentando mais ainda a velocidade, virou o volante para a esquerda, oferecendo ao pára-choque do caminhão toda a lateral do carro, na qual se encontrava sentada à esposa.

A batida foi terrível. A mulher, imprensada pela lataria, coube toda em uma caixa de sapatos na hora do enterro.

Ele, que havia saltado do veículo antes da batida, logo após os funerais mudou-se para outro Estado

onde casou novamente e passou a trabalhar como assistente de importante figura política.

Este meu conto, muito elogiado pelos leitores e premiado no tradicional concurso literário “Talentos da Terceira Idade”, foi lido por Heleninha em silêncio, na cama. A partir daí passou a olhar-me com desconfiança, demonstrando, inclusive, certo sentimento de pavor em algumas ocasiões. Desde então, fazia sempre absoluta questão de ler, em primeira mão, todos os rascunhos dos contos que eu escrevia. Em várias ocasiões surpreendi-a folheando minhas gavetas em busca do final das estórias que eu escrevia.

. MEDO DO CAPETA

Desde criança Travassos sempre fora muito medroso. Tinha medo do escuro, medo de ficar doente, medo de Lobisomem, de Saci-Pererê e de Mula Sem Cabeça. Entretanto, o que mais lhe punha medo era o Capeta. Se lhe perguntassem, não saberia dizer de onde vinha aquele medo insólito, irracional, pois, afinal, nunca havia visto tal personagem.

Trabalhava como motorista profissional há muitos anos. Inicialmente fora motorista de caminhão de entregas, depois de ônibus em linha do subúrbio. Finalmente motorista de seu próprio táxi, estava, na atualidade, sem ocupação; já que seu veículo havia sido furtado em frente à sua casa, na rua em que morava.

Certo dia, conforme me confessou posteriormente, ao ler o jornal, sua atenção foi despertada para um anúncio ao pé da página, que eu havia colocado em um periódico local: ‘Preciso de motorista particular. Tratar com professor Juvenal, no telefone tal. Pago muito bem’.

Travassos largou o que fazia e correu ao telefone. Havia sido o primeiro a ligar, conforme lhe declarei ao marcar sua entrevista para aquela tarde.

Na ocasião, ainda casado com Heleninha e em convalescença de acidente sofrido em rodovia no interior do Estado, eu habitava confortável mansão no bairro de São Francisco, em Niterói, alugada após mudar-me do Vital Brasil - bairro onde fora localizado pelo Diretor Administrativo-Financeiro de instituição hospitalar por mim freqüentada no passado, que, após encontrar-me ali, não largava mais do meu pé.

Havia sido contratado como professor de Filosofia e História Antiga em universidade particular da Baixada Fluminense e necessitava de motorista para levar-me todos os dias, já que me deslocava em cadeira de rodas.

Tendo simpatizado com Travassos, resolvi contratá-lo.

Este aceitou imediatamente, pois o salário era bem mais elevado do que supunha.

Transcorridos alguns meses, em que cinco vezes por semana Travassos me conduzia até o distante município de Nova Iguaçu, ao entrar em uma curva na rodovia quase fomos abalroados por um caminhão em alta velocidade. Com um rápido golpe do volante, Travassos desviou o carro e exclamou: - Este pobre coitado deve estar com o Capeta no corpo!

A conversa prosseguiu e Travassos acabou confessando que tinha muito medo de, como no caso daquele motorista, um dia vir a ter seu corpo tomado pelo Capeta.

Ouvindo aquilo, paternalmente respondi: - Travassos, meu filho, não se preocupe com tamanha bobagem, já que é impossível a existência do Capeta.

Espantado com a minha afirmação, Travassos quis saber por que eu dizia aquilo.

Esquecendo-me de que falava a um simples motorista, cerrei os olhos e iniciei mais uma de minhas brilhantes aulas, tradicionalmente disputadas por alunos e professores da faculdade: - “Meu filho, ao longo da existência humana, o medo ante os fenômenos da natureza, para ele inexplicáveis, fez

com que o ser humano, para satisfazer seu raciocínio embrionário, atribuísse tais fenômenos a potencias boas ou más, segundo os efeitos verificados dos fenômenos que o amedrontavam. Com isto, no decorrer da história humana, os povos criaram seus demônios, que poderiam ser bons ou maus, já que a palavra grega que os designava -Daimon- significava gênio ou espírito, indistintamente bom ou mau. Os Persas, no Zend-Avesta, criaram Ormuz – Deus bom ou do bem - que criou o primeiro homem e a primeira mulher e que, por culpa de Arhiman – Deus mau ou do mal - foram expulsos do jardim em que viviam. Os Vedas afirmavam, por sua vez, segundo o Brahmanismo, que Brahma – Deus bom- criou o primeiro homem – Adima- e a primeira mulher –Heva- e que Mohassura – Deus mau - levantou-os contra o criador, tendo eles sido expulsos do local em que viviam pelo Deus Siva. Os Fenícios e os Assírios tinham também seus deuses do mal – Baal Zebud - que originou o Belzebu moderno, além do seu Astaroth, assim como os Egípcios e os Gregos possuíam o seu Typhon e o seu Python. Os Judeus em seu Sabbat rendiam culto ao bode, que sacrificavam como bode expiatório, já que, ao sacrificá-lo, expiavam todo o mal da comunidade e

que, ainda hoje, está conservado na representação do Capeta, que pintam com pés e chifres de caprinos. A idéia do Capeta ou Demônio entre os Hebreus não é, portanto, original, posto que foi tomada emprestada dos Persas, dos Caldeus, dos Semitas e de outros povos antigos; até mesmo porque antes do cativo pelos Persas, na Babilônia, os Hebreus não possuíam a doutrina da imortalidade da alma. Embora Jesus tenha mencionado o Capeta como uma representação simbólica – haja vista que chamou o Apóstolo Pedro de Satanás, quando disse: -“Tira-te de diante de mim, Satanás”, Matheus XVI, 23 – a igreja desvirtuou tais ensinamentos, a pretexto de elucidá-los. Assim, a doutrina que trata da existência do Capeta colide, por princípio, com a da existência de Deus. À luz da filosofia, Deus e o Capeta são potências mutuamente excludentes; isto é, que não podem existir simultaneamente. As relações mútuas a que se obrigam implicariam na destruição de um dos dois. Esta incompatibilidade pode ser formulada através dos seguintes argumentos:

1. Se Deus é o criador de tudo o que existe, deve ter sido também o criador do Capeta, ou pai do Capeta. Se o Capeta é criação de Deus, ou filho de Deus,

indiscutivelmente, antes de ser criado estaria em Deus, participando de sua essência; o que impõe a conclusão de que Deus, o eterno bem, tenha em si a essência do eterno mal;

2. Se o Capeta não foi criado por Deus, então existe alguma coisa que Deus não criou e que ou foi criada por si mesmo, o que a torna igual a Deus, ou deve sua criação a outrem, o que ainda força a existência de um Deus anterior, caso em que se estabelece uma dualidade divina.

- Contra a criação do Capeta, por Deus, existem ainda os seguintes raciocínios, acrescentei:

1. Deus seria incoerente porque conhecendo, pela sua onisciência, o futuro de todas as criaturas, teria criado uma voltada, exclusivamente, para combater sua obra;

2. A doutrina de que Deus, antes de criar o universo da matéria, criou o mundo dos espíritos, destinados todos a louvar, servir e glorificar o Criador impõe a conclusão de que, se Deus precisa que o louvem, sirvam e glorifiquem, logicamente é por que lhe falta alguma coisa, isto é, porque não tem em si

tudo. Não há dúvida de que um Deus assim não é completo, sendo incompleto e imperfeito;

3. No Cap.XXI, v.27 do Apocalipse, encontra-se que “Nada de profano nem ninguém que pratique abominações e mentiras entrará no céu, mas unicamente aqueles cujos nomes estão escritos no livro da vida do Cordeiro”. No Cap.XII, v.7, 8 e 9 o Apocalipse se contradiz, ao afirmar que “Houve uma batalha no céu e o Capeta (Satanás, Demônio) foi precipitado na terra com seus anjos”. Assim, o Capeta, por ser um contaminado da maldade desde o princípio (Primeira Epístola, João, III, 8), não poderia estar no céu para ser dele precipitado.

- Consequentemente, meu filho, conclui, a estória do Capeta é falsa e, como ele não existe, não existe também o inferno, sua morada, que não passa de uma alegoria oriunda de antigas crenças. Antes de a Bíblia registrá-lo, já existia nas Mitologias Persa, Indiana, Egípcia, Gaulesa, etc.

Coincidentemente, ao terminar minha exposição, o veículo adentrava os portões da Universidade.

Parando em frente ao prédio principal, Travassos saiu do carro para abrir-me a porta de trás, de modo a ajudar-me a descer e armar a cadeira de rodas. Ao fechar a porta, segundo me confessou, sentiu um forte cheiro de enxofre que exalava do banco de trás. Temeroso, porém louvando-se na belíssima aula que acabara de escutar, pude ouvi-lo murmurar baixinho, para si mesmo, tentando se convencer: - “Calma, Travassos, o capeta não existe! Isto não passa de um simples peidinho do professor Juvenal!”.

. MILAGRES NÃO EXISTEM

Já passava da meia-noite quando retornei ao carro estacionado no pátio da universidade, onde Travassos me esperava. Ao ver-me chegar abriu a porta de trás, ajudou-me a entrar e dobrou a cadeira de rodas, como sempre fazia. Em seguida, sentando-se ao volante, iniciou o trajeto costumeiro em direção ao bairro de São Francisco, em Niterói.

Após haver dirigido em silêncio por um quarto de hora, ao contornar uma curva, quase fomos atingidos por um ônibus vazio, em alta velocidade.

Travassos, novamente, com um rápido golpe de direção, desviou-se do coletivo murmurando: - Escapamos por um milagre. Valha-me Nossa Senhora!

Cochilando no assento traseiro, abri os olhos e, ouvindo as exclamações de Travassos, respondi-lhe: - Você é muito crédulo, meu filho. Não sabe que os milagres não existem?

Travassos, ainda com o coração acelerado, contestou: - Como pode afirmar isto professor? Acabamos de ser salvos por milagre! Íamos ser esmagados pelo ônibus, quando a mão do Criador nos salvou!

Em que pese meu cansaço físico e mental, após uma tarde em que dera várias aulas na universidade, disse-lhe, mais uma vez, paternalmente: - Meu filho, na antiguidade clássica os milagres eram entendidos como fatos excepcionais ou inexplicáveis, considerados como sinais ou manifestações de uma vontade divina. Esta noção predominou até a Idade Média, quando Tomás de Aquino afirmou que “Nos milagres podem ser notadas duas coisas: A primeira é o que acontece; já que consiste, certamente, em algo que excede a faculdade da natureza e, neste sentido, os milagres são chamados de Virtudes. A segunda é a razão pela qual eles acontecem, ou seja, a manifestação de algo de sobrenatural. Neste sentido, os milagres, costumam ser chamados de Sinais”. Voltaire, durante o Iluminismo, em seu ‘Dicionário Filosófico’, afirmava que “Segundo as idéias aceitas, os milagres seriam violações das leis matemáticas, divinas, imutáveis, eternas. Mediante essa exposição,

o milagre seria uma contradição; já que uma lei não pode ser violada”. Voltaire afirmava, ademais, que “Deus nada pode fazer sem razão, sendo impossível conceber que a natureza divina trabalhasse para algum homem, em particular, em detrimento dos outros; constituindo-se a mais absurda das loucuras, imaginarmos que o Ser Infinito invertesse, em favor de alguns, o movimento dessas imensas molas que fazem mover o Universo inteiro. Assim, ousar supor que Deus realiza milagres é realmente insultá-lo (se é que os homens podem insultar a Deus), e desonrar de certo modo a divindade”. Voltaire mencionava ainda que “Ao perguntarem a um filósofo o que diria, se visse o sol deter sua marcha e os mortos ressuscitarem, este teria respondido: - Tornar-me-ia Maniqueísta e diria que existe um principio que desfaz o que o outro fez”. Espinosa, durante o Renascimento, afirmava que “contra a natureza, ou acima da natureza, o milagre não passa de absurdo e Deus é mais bem conhecido graças à ordem e à necessidade da natureza do que por pretensos milagres”.

Ao terminar minha exposição, cansado, fechei os olhos para um novo cochilo.

Foi minha sorte, pois nem vi o caminhão carregado de minérios que, sem freios, colidiu e passou por cima do nosso carro naquela estrada estadual. A batida foi tão violenta que ambos os veículos pegaram fogo.

No dia seguinte, no funeral de Travassos, realizado no cemitério do Parque da Colina, em Pendotiba, Niterói, sentado em uma nova cadeira de rodas, pois a anterior ficara completamente destruída no meio dos escombros, conversava com Heleninha e alguns amigos sobre aquele trágico acidente da véspera, no qual eu fora o único, milagrosamente, a escapar incólume.

. A DECISÃO

Refeito das seqüelas que me obrigavam a andar em cadeira de rodas e, logo após a estúpida morte de Heleninha, atropelada por um veículo não identificado ao atravessar uma rua do bairro, casei-me com Cleonice Barbosa, vizinha do prédio em frente, já mencionada anteriormente e com quem havia trocado, antes, umas poucas palavras em um quarto de motel.

Da nossa união nasceu uma criança que acabou sendo criada por minha sogra, após nossa separação.

Durante o período em que convivemos juntos, lembro-me de uma ocasião na qual, enquanto a observava com o rosto todo ensaboado fazer a barba no banheiro, disse-lhe que nunca mais discutiria sobre futebol, política, religião ou carnaval.

Por diversas vezes, na casa de amigos, no trabalho ou no clube, vira-me envolvido em discussões acaloradas, quando, em todas as vezes que conseguira fazer meu ponto de vista prevalecer, perdera os amigos que tinham pontos de vista

contrários ao meu.

Decidido a manter os poucos que ainda me restavam, tomei aquela drástica decisão. A partir de então, só conversaria sobre Moscas Drosófilas, pois nunca vira alguém falando sobre moscas a ponto de iniciar uma discussão.

Logo após comunicar minha decisão a Barbosa - era assim que ela gostava de ser chamada - notei que apresentava um ar bem feliz, talvez por não ser mais obrigada a interceder, dando socos, chutes e cabeçadas, como fazia, para acalmar os ânimos ou apartar as brigas. Informou-me, naquela ocasião, que à noite teríamos de ir ao aniversário de um colega de creche do nosso filho pequeno.

Por volta das dezenove horas chegamos ao salão de festas do edifício, já cheio de pais e mães de amiguinhos do aniversariante.

Buscamos uma mesa onde já haviam dois casais sentados, sentamo-nos e, enquanto Barbosa saía para entregar o presente, fiquei ouvindo as conversas.

Falavam de futebol, política e outras futilidades. Eu, até então, mantinha-se calado, apenas ouvindo.

**Após cantarem os parabéns, comendo uma fatia de bolo, perguntei ao cidadão que estava à minha frente:
- O amigo se interessa por Moscas Drosófilas?**

O indivíduo olhou-me firmemente nos olhos e perguntou: - De qual você está falando, das selvagens ou das mutantes?

Eu, apanhado de surpresa, respondi: – Das mutantes é claro!

O cidadão, falando com conhecimento, contestou: - Não, não gosto das mutantes. Prefiro as selvagens, pois as mutações têm efeito prejudicial nas Drosófilas!

Tomado, então, por súbita cólera, respondi de modo agressivo: - Já vi que você não entende nada desse assunto. As mutações são é benéficas para as Drosófilas!

A partir deste ponto, não me lembro de mais nada. Recordo-me, apenas, de haver chegado à casa, por volta das duas horas da manhã do dia seguinte, vindo diretamente da delegacia do bairro onde estivera, até

então, prestando depoimento em uma acusação de agressão com lesão corporal, já que havia dado uma garrafada na cabeça do pai do colega de creche do meu filho, segundo Barbosa me afiançava.

. O TELEFONEMA

Estava em casa, calmamente sentado na varanda lendo o jornal da manhã, quando recebi aquele telefonema: - “Aqui, mano, é o careca de Bangu I. Nós seqüestramo tua filha e tu vai te que compra cinqüenta mil paus em cartão pré-pago de celular. Não desliga não, mano, senão ela morre agora mesmo. Tu compra os cartão e dá o número pra nós. Em meia hora ligamos novamente. Se tu não tive feito o que eu mandei vai recebe pelo correio os seios dela!”

Aflito chamei por Barbosa, porém lembrei-me que naquela hora ela estava na academia de artes marciais, onde praticava caratê, box tailandês, kung fú e krav maga. Constatei, assim, que me encontrava absolutamente sozinho, para fazer frente à trágica situação em que o destino me colocara.

Apavorado vesti, rapidamente, a calça e a camisa e fui correndo ao Banco, de onde retirei toda a poupança acumulada ao longo da vida. Em seguida fui voando à loja mais próxima para adquirir os cartões.

Felizmente consegui fazer tudo, só que ultrapassei um pouco o prazo dado de meia hora.

Cheguei à casa, esbaforido, com um monte de cartões na mão.

Logo depois o telefone tocou: - Aqui, mano, consegui fazer o que mandei?

- Claro, respondi, passando em seguida os números dos cartões para o careca de Bangu I. Este, após copiar todos os números, disse: -“Aqui mano, nós estamos soltando ela agora! Ela vai chegar em casa meio estrupada, mas isso é por causa de que tu demoro muito a chegar e, pra passa o tempo, eu brinquei um pouco com ela!”

Desliguei o telefone aliviado, pois tinha evitado que minha filha morresse nas mãos do bandido.

Voltando ao jornal, parei de repente e exclamei em voz alta: - Puxa, mas eu não tenho filha! Em seguida, berrei mais alto ainda: - Perdi toda a minha poupança!

Em questão de segundos, raciocinando rápido, peguei o telefone e disquei um número qualquer, ao

acaso, pensando comigo mesmo: - Se deu certo uma vez pode dar duas!

Ao ouvir a voz de um homem atendendo do outro lado, gritei: - Aqui, mano, é o careca de Bangu l...

. O CUSTO BRASIL

Sai de casa atrasado. Naquele dia tinha mil coisas a fazer: passar na Secretaria da Receita Federal, no Banco, no Plano de Saúde, no Departamento de Transito e em uma loja de artigos masculinos, no Shopping perto de casa. Minha mulher, Barbosa, todo dia ao chegar à casa, à noite, vinda quase sempre da academia de artes marciais (onde treinava duas vezes por dia), ao ver-me de pijama refestelado no sofá vendo televisão, deitava ao meu lado e segredava-me baixinho no ouvido, com o rosto afogueado, dizendo que estava doida para tirar minha cueca, já que a mesma a apertava muito na altura da virilha. Assim, pensava em comprar-lhe algumas cuecas mais folgadas, já que tinha o costume de usar as minhas quando saia de casa.

O primeiro problema começou logo no banco, ao digitar o número de minha conta para solicitar um extrato. Na tela apareceu a mensagem: conta inexistente. Procurei o funcionário encarregado que disse: - O sistema pode estar fora do ar, tente mais tarde!

Sai dali dirigindo-se à Receita Federal onde perguntaria sobre o 86º lote de restituição do Imposto de renda, referente ao ano anterior. Queria saber se a minha devolução, finalmente, havia saído, pois estava cheio de dívidas.

Ao consultarem meu número do CPF, informaram:
- CPF inexistente. O senhor se re-cadastrou no ano passado?

Sai dali fulo da vida. Pensava comigo mesmo: - Este é o tal Custo Brasil. Aqui nada funciona!

Passei na sede do Plano de Saúde para pegar a autorização da cirurgia de Barbosa, que queria retirar os dois seios e implantar pelos no local. Lá chegando, ao indagar sobre a mesma, fui informado de que, infelizmente, não havia dado entrada nenhum pedido de procedimento médico com aquele nome. A matrícula, também, não conferia.

Indignado, dirigi-me à sede do Detran pensando, no caminho, em cancelar meu plano de saúde e em mudar-me do país, pois a vida aqui estava ficando insuportável. Lá chegando, pretendia pagar uma multa cuja notificação havia recebido duas semanas atrás.

Ao consultar o terminal pelo número do Renavam, aparecia na tela: 'Renavam Inexistente'. Consultando pelo CPF, a mesma mensagem: 'CPF Inexistente'. Pelo número da CNH, sempre a mesma coisa: 'CNH Inexistente'. Ao questionar o funcionário sobre o que ocorria, este respondeu: - O Sistema deve ter caído!

Desanimado, retornei à tardinha para casa. Durante o trajeto, pensava: - Perdi o dia todo e não consegui resolver nada!

Chegando à casa toquei a campainha, pois havia esquecido a chave. Barbosa, ao abrir a porta e deparar comigo, perguntou: - Pois não, o que o senhor deseja?

. A CARONA

Naquela ocasião eu morava no bairro de Santa Rosa, em Niterói, para onde me mudara em razão de assédios constantes, sofridos no endereço anterior, por parte de cobradores de certas dívidas que eu desconhecia e que, segundo me parecia, referiam-se a débitos com despesas médicas realizadas, em um passado remoto, no interior do Estado. Imagino que procuravam a um homônimo meu, que devia morar naquele mesmo bairro. Tinha, na ocasião, um filho bebe e era casado com Cleonice Barbosa.

Trabalhava no centro da cidade, fazendo bico em uma firma de ‘telemarketing’, e me dirigia para o trabalho em meu fusquinha, todos os dias.

Possuía um amigo que morava no mesmo andar do meu edifício e que também trabalhava no centro.

Naquele dia o vizinho me telefonara pela manhã pedindo carona até o centro, já que seu carro estava enguiçado.

Atendendo ao pedido do amigo apanhei-o em casa e dirigi-me, como sempre fazia, pelo caminho mais curto para o trabalho.

Naquele dia, entretanto, por causa de um acidente mais à frente, a estrada, que era de mão dupla, estava completamente congestionada.

Ficamos vários minutos parados e o trânsito não fluía. Notando, porém, que o engarrafamento era apenas no sentido do centro, ocorreu-me voltar e pegar outra estrada que, embora mais longa, deveria estar mais vazia naquela hora.

Estávamos parados em frente a um Motel, chamado Palácio da Luxúria, à esquerda. Como não dava para fazer a volta na própria estrada, resolvi entrar pelo portão do motel, fazer a volta lá dentro e sair pelo mesmo portão, em direção contrária ao fluxo que ia para o centro.

Foi exatamente o que fiz. Só que, na saída do motel, parando no portão para esperar um carro que passava na hora, dei de cara com o meu chefe e com alguns colegas de trabalho. Todos em um mesmo veículo estavam parados na pista em direção ao centro, em razão do engarrafamento, bem em frente ao motel. Eles me reconheceram de imediato e, sem nada dizer, apenas sorriram em minha direção.

Os sorrisos que me dirigiram, compreendi logo o que significavam ao perceber que haviam visto o amigo a meu lado - amigo este a quem desconheciam - e ambos saindo juntos, pela manhã, de um motel.

Ao chegar ao trabalho mais tarde, já que a outra estrada que tomara como alternativa também estava congestionada, notei que todos me olhavam de maneira estranha, alguns até com risinhos disfarçados. Tive, inclusive, a impressão de haver ouvido por detrás de uma porta fechada, alguém às gargalhadas dizendo: - Aquele cara nunca me enganou!

. O CABO ELEITORAL

Doutor Clarindo era o único médico naquele pequeno Posto de Saúde localizado próximo de minha casa, lá para os lados do Pita, bairro do município de São Gonçalo e bastante afastado do centro de Niterói - para onde eu havia me mudado, há pouco tempo, em razão de grave revés financeiro. Além disso, no endereço anterior, era constantemente incomodado por oficiais de justiça intimando-me para que prestasse depoimentos no Fórum, sobre supostas dívidas de um homônimo meu, possivelmente residente nas imediações.

Clarindo já trabalhava naquele posto há quase 15 anos. Conhecia todo mundo por ali e, em certa ocasião, instado por amigos, resolveu candidatar-se a vaga de prefeito nas eleições que se aproximavam. Para tanto, necessitava de um cabo eleitoral que cabalasse votos para ele, tanto na sede do município quanto na zona rural.

Como passei a ser seu amigo após o tratamento que realizou em Barbosa receitando-lhe, a pedido

desta, substâncias químicas anabolizantes para desenvolver a musculatura dos braços e pernas, ofereci-me para ser seu cabo eleitoral; principalmente porque, naquela ocasião, meu tempo ocioso na repartição era muito grande e precisava de umas caminhadas, por ordem médica do próprio Clarindo que me empurrava para fora de casa, sempre que visitava Barbosa, para verificar o efeito do tratamento que lhe havia prescrito.

Próximo à data marcada para a eleição, começaram a ser realizados comícios em palanque montado junto à Igreja matriz, para onde toda a população se dirigia, à noite, a fim de ouvir os candidatos.

Certa ocasião, Doutor Clarindo havia iniciado a alocução falando sobre seus planos para a nova administração, que faria à frente da prefeitura, quando, conforme havíamos combinado, o interrompi segredando-lhe algo ao ouvido.

O Doutor Clarindo, em seguida, pediu desculpas aos presentes dizendo que tinha que ausentar-se para atender a uma paciente grave que necessitava de seus cuidados no posto médico.

Saiu, deixando-me com o microfone na mão sem saber o que fazer, pois o que faríamos a seguir não havia sido combinado antecipadamente entre nós. Querendo ajudar o amigo, cabalando votos naquela oportunidade, tomei da palavra e comecei dizendo: - Meus amigos, só duas pessoas no mundo poderiam salvar Dona Risoleta que está lá no posto passando mal: Jesus Cristo e o Doutor Clarindo. Jesus Cristo nem apareceu, até agora, para ver como ela estava, mas o doutor Clarindo foi lá fazer a sua parte. O Doutor Clarindo, além disto, é amigo do atual prefeito e mantém relações com a esposa dele!

Vendo, a seguir, que muitos ouvintes começavam a rir do que eu havia dito, corriji-me: - Mas não são essas relações que vocês estão pensando, não. São outras relações, iguais às que ele mantém, dentro do consultório, com as esposas e filhas de muita gente boa aqui do município.

Percebi que os ânimos começaram a se exaltar junto à platéia e ouvi, até, alguns comentários jocosos, porém não me importei e continuei tecendo elogios: - o Doutor Clarindo é tão bom que em uma ocasião, vendo que a filha do dono do açougue estava grávida e reconhecendo que o pai dela não podia

saber, fez o aborto no próprio Posto de Saúde. Quando o dono da farmácia passou por um aperto financeiro, o Doutor Clarindo, para ajudá-lo, levava de graça medicamentos do posto de saúde, para que ele vendesse na farmácia e ganhasse um dinheirinho extra. Quando os empregados da prefeitura querem jogar futebol no campinho atrás do cemitério, é ele quem fornece os atestados médicos liberando-os do trabalho por motivo de doença!

Enquanto, empolgado que estava, continuava tecendo meus elogios à boa alma de Clarindo, o público foi se retirando, não restando mais ninguém ao final de alguns minutos quando, então, constatei que estava falando sozinho.

No dia seguinte à eleição, feita a apuração, Doutor Clarindo ganhou dois votos, o dele e o meu, além de um inquérito instalado pelo promotor local, para apurar irregularidades em sua gestão à frente do Posto de Saúde.

. LEMBRANÇAS

Por alguma razão inexplicável resolvi entrar com o carro naquela rua, para atingir meu objetivo de chegar ao local da reunião, marcada para as onze horas da manhã em uma firma no centro de Niterói, a serviço da empresa de ‘telemarketing’ onde fazia bico. Repentinamente lembrei-me daquela rua, e veio-me à mente a escola onde havia estudado por curto período quando criança. Fazia quase 40 anos que não passava por ali. Estacionei o carro um pouco antes e dirigi-me a pé para a escola.

Lá chegando percorri as salas e corredores, de onde me vinham à mente recordações de amigos, professores e brincadeiras há muito tempo esquecidas.

Lembrei-me da Silvia, minha primeira namorada, e dos beijos que trocávamos pelos jardins durante o horário de recreio.

Recordei-me do professor Mário, da educação física, tipo alto, musculoso e bonito, fumante de

charutos, que era invejado por todos por sua bela aparência. Vivia no meio dos alunos mais velhos, pois era treinador do time de futebol.

Ao sair com os olhos marejados, após haver permanecido quase uma hora em devaneios, percorrendo as instalações, perguntei a um jovem aluno que também se retirava: - Você conhece, por acaso, o professor Mário, um que fuma charuto e joga futebol?

O estudante, olhando-me de modo sério, respondeu: - Bem, conheci há alguns anos um professor Mario que, segundo diziam, era gay. Foi aposentado por câncer no pulmão e, há um ano atrás, morreu de Aids.

. AMIGOS PARA SEMPRE

Éramos amigos há mais de 15 anos. Formávamos um grupo unido, de cerca de 40 integrantes, todos residentes em bairros próximos, com aproximadamente cinquenta e cinco anos e que, com regularidade, encontrávamo-nos há mais de 10 anos, no bar do seu Manoel, no centro de Niterói, toda a primeira sexta-feira do mês.

Eu, pela casa dos 52 anos, naquela ocasião, era o mais novo do grupo e nunca havia faltado a um único encontro, embora, naquela ocasião, estivesse residindo no município de Itaboraí em razão de haverem sido expedidos alguns mandatos de busca e apreensão, relativos à minha pessoa, pelo Juiz do município de São Gonçalo, em inquérito relativo ao falecimento acidental de Heleninha e no qual uma testemunha, totalmente desqualificada e sem credibilidade, afirmava haver me reconhecido ao volante de um carro sem placas estacionado, à noite, em uma rua mal iluminada perto de casa.

Sempre fui um dos mais animados, a lembrar aos demais, por telefone, logo na segunda-feira, o encontro da próxima sexta.

Foi, pois, com surpresa que notaram minha ausência, freqüente a partir de certo momento. Após três vezes consecutivas sem aparecer, um dos colegas, incumbido pelos demais da missão, foi à minha casa para verificar a razão do sumiço: Estaria doente? Passaria por dificuldades financeiras? Tais perguntas eram sempre formuladas pelos demais companheiros, conforme vim saber mais tarde.

Recebi o amigo com toda cortesia, servindo-lhe um uísque duplo, e questionei o motivo da inesperada visita.

O amigo explicou que, em razão de todos no grupo sentirem a minha falta, haviam pedido a ele que, por residir próximo, fosse averiguar o que ocorria.

Tomei um gole do uísque e, falando calmamente, respondi: - Sabe o que é Clodoaldo, eu estou totalmente sem ambiente no grupo. Toda a vez que vou aos encontros e me sento em uma mesa, os colegas estão falando de política. Troco de mesa e,

nesta outra, estão falando de religião ou de doenças. Você sabe bem que nenhum desses assuntos me interessa. O que eu gosto mesmo é de falar sobre mulher, porém, toda vez que puxo esse assunto, sinto que me olham com desdém e mudam logo de conversa ou de lugar.

Imagine você que uma vez, após haver comentado sobre a nova empregadinha que minha mulher, Barbosa, havia contratado e com quem vivia sempre enfurnada no quarto de empregada - uma morena novinha com coxas grossas, cintura fina e seios durinhos - um colega nosso, levantando-se para mudar de mesa, dirigiu-se aos demais exclamando: - Mas que cara chato!

Assim, notei que não tenho boa receptividade no grupo e por isso não vou mais!

Clodoaldo, que, até então, me ouvira calado, deu um gole no seu copo, levantou e despediu-se, alegando já ser tarde e não querer me incomodar.

Na saída, enquanto abria a porta do elevador e entrava, ainda pude ouvi-lo murmurar entre dentes: - Puxa, mas como esse cara é chato!

. MEU AMIGO FAVELADO

Na favela onde residi por vários anos, após minha separação de Barbosa, conheci um jovem que habitava com sua família o barraco ao lado do meu.

Fazia 15 anos que morava naquela favela no alto do morro. Possuía dois irmãos, de pais diferentes, e uma irmã. Havia nascido ali e, desde pequeno, nunca fora igual aos seus irmãos e aos amigos locais. Não gostava de futebol, nem de carnaval. Jamais havia trabalhado como avião ou olheiro da boca de fumo perto de casa. A única coisa de que gostava era de ler e estudar. Sua mãe costumava dizer-lhe: - vivendo trancado em casa, lendo, você nunca dará para nada, nunca será alguém na vida!

Certo dia, um grupo de turistas alemães subiu o morro para conhecer de perto uma favela carioca. Um deles, cansado, sentou-se em uma pedra, próxima da porta de seu barraco, onde ele se encontrava, também sentado, olhando triste para o mar distante.

O turista, um senhor de meia idade, era o reitor da Universidade de Berlim, conforme ficou sabendo conversando com ele em alemão. Conversaram durante horas. Falaram sobre as teorias filosóficas de Spinoza, Kant, Schopenhauer e Nietzsche; sobre a Crítica da Razão Pura, sobre a Crítica da Razão Prática, sobre a Genealogia da Moral e sobre o Princípio da Razão Suficiente.

Passou, a partir de então, a corresponder-se com o reitor que, em breve, convidou-o para estudar na Alemanha, com tudo pago pelo governo daquele país. Embora contra a vontade da sua mãe, viajou para a Alemanha, decidido a nunca mais voltar.

Na Alemanha, terminou seus estudos, matriculando-se na Universidade onde, após concluir o curso de graduação em Filosofia, cursou o mestrado e o doutorado. Como era excelente aluno, com o apoio do reitor, foi indicado para o cargo de Diretor Geral do Departamento de Filosofia da Universidade. Passou a residir em um pequeno apartamento de quarto e sala no centro da cidade indo de metrô todos os dias para a Universidade; já que, com o seu salário, ainda não tinha economizado o suficiente para comprar um carro.

Certo dia, batendo no peito a saudade, resolveu vir ao Brasil em um vôo charter, para rever a família que não via há quase 20 anos, segundo me contou mais tarde.

Aqui chegando, foi encontrar a mãe na piscina da mansão na Barra da Tijuca, para onde havia se mudado, sentada em uma espreguiçadeira, saboreando caviar e tomando champanhe.

Ao vê-lo entrar, foi logo dizendo: - “Seus irmãos não estão! Depois que você foi embora, eles foram apadrinhados por uma ONG canadense chamada ‘The Poverty is Beautiful’! Os dois jogam, atualmente, em um time de futebol na Itália”!

“Sua irmã, descoberta sambando no morro, na escola de samba Unidos da Bolsa Família, hoje é artista de filme pornô e reside nos Estados Unidos! Mandam todos os meses dinheiro para investimentos que administro. Já temos vários apartamentos no bairro, além de empresas, ações e participações!”

“E você, como vai indo na Alemanha”? – perguntou a mãe.

Ele, timidamente, respondeu que era o Diretor Geral do Departamento de Filosofia da Universidade, com chances de, em pouco menos de dez anos, vir a se tornar Reitor.

Ela, então, saboreando mais um gole de champanhe, disse: - “Bem feito! Eu, no fundo, sempre soube que você não daria para nada, que nunca seria ninguém na vida”!

. O PRISIONEIRO

Certa feita, conversando com um amigo da favela, desempregado como eu, contou-me ele a história da sua vida, que muito me emocionou.

Tinha sido condenado a 20 anos de prisão por um crime que, segundo afirmava, não cometera. Viveu no presídio, em cela isolada, por quase 12 anos. Nos poucos momentos destinados ao banho de sol, misturava-se com outros detentos, em sua maioria desesperados por haverem perdido a liberdade; alguns, até mesmo, quase dementes.

Costumava dizer, a todos os companheiros de cárcere, que o Estado havia prendido apenas o seu corpo e que sua alma era e sempre seria livre.

No interior da cela onde ficava, logo que a porta era fechada, sua mente viajava por lugares distantes. Imaginava mil locais, acontecimentos e diálogos. Nunca estava só, tendo sempre por companhia, em sua mente, homens e mulheres agradáveis com os

quais convivia, conversando e interagindo. Assim, passaram-se os dias, meses e anos.

Em uma noite quente de verão foi acordado pelo carcereiro, ordenando-lhe que se aprontasse para uma entrevista com o diretor.

Conduzido à presença deste, foi-lhe dito que haviam descoberto o verdadeiro culpado pelo crime que lhe atribuíram e, por conseguinte, estava sendo libertado naquela ocasião.

Abriram então os portões, no dia seguinte, e ele voltou para seu barraco. Como chegou cedo, resolveu ir a uma praia próxima na qual não pisava há mais de 12 anos.

Após passar a manhã e a tarde tomando sol e banho de mar, retornou para o barraco no morro ao anoitecer. Após jantar e ver um pouco de TV, recolheu-se para dormir.

A noite inteira sonhou com sua cela na prisão. Nos dias, meses e anos que se seguiram, dia e noite, não conseguia tirar de sua mente a velha cela onde passara tantos anos como recluso.

Segundo me confessou com lágrimas nos olhos, o Estado, ao soltar naquele dia o seu corpo, havia, finalmente, prendido a sua alma.

. O SEGURANÇA

Meu vizinho chamado Claudinei - que morava sozinho em um barraco ao lado do meu - desde criança sempre fora bom de briga. No CIEP onde estudara ninguém tirava satisfação com ele sem sair com um olho roxo ou o nariz sangrando.

Na juventude havia freqüentado todas as academias de artes marciais do bairro, lá embaixo no asfalto: jiu-jitsu, caratê, boxe, tae-kwondo, capoeira, etc.

Atualmente trabalhava como segurança em uma Corretora de Câmbio, no quarto andar de um elegante prédio comercial no centro da cidade.

Na sua função, segundo fazia questão de se vangloriar lá no morro, já havia passado por muitas experiências difíceis, tais como separar brigas entre clientes, prender estelionatários, falsários, etc.

A experiência que viveu naquele dia, entretanto, marcou para sempre a sua vida, conforme relatou a

filha de dona Julia, minha vizinha da esquerda, que trabalhava de faxineira na mesma corretora.

Em determinado momento, entretido em olhar a flutuação da cotação da Libra Esterlina, não percebeu a entrada no local de vários indivíduos portando armas e sacolas.

Quando deu por si, ele mesmo já estava sob a mira das armas como também os demais seguranças, clientes e empregados, inclusive a própria filha de dona Julia. Os assaltantes, extremamente violentos, obrigaram todos a se dirigirem para um quarto nos fundos onde ordenaram que tirassem as roupas e pertences.

Como ele hesitasse bastante antes de acatar a ordem dada, alguns colegas pensaram que, tendo uma arma escondida sob as roupas, iria reagir a qualquer momento.

Apontando-lhe a metralhadora, um dos assaltantes ordenou aos berros que tirasse logo tudo.

Sob os olhares de todos os presentes, aos poucos foi tirando suas roupas: primeiro o paletó azul

marinho, depois a camisa, a seguir a calça, a meia e os sapatos, ficando apenas vestido com uma calcinha feminina preta. Suas pernas, nuas e depiladas, apresentavam dois pés pequenos com as unhas pintadas de esmalte vermelho. Na nádega direita havia um coração tatuado, encimado pela frase: “Eterno Amor de Reginaldo”.

. O EFEITO ESPECIAL

Dona Leonora, responsável pela creche da comunidade, procurou-me, certa ocasião, para solicitar que fosse com ela ao Instituto Médico Legal, reconhecer o que restara do corpo do marido. Durante o trajeto, contou-me, chorando, o que havia acontecido.

Um cineasta bastante famoso, que já havia feito vários filmes no país e no exterior, havia contratado Gumercindo, seu marido, para um serviço.

O cineasta era conhecido por suas películas conterem inúmeros efeitos especiais: acidentes, quedas, explosões, incêndios etc.

A única filha, do oitavo casamento, ia se casar naquele mês, na mansão que possuía na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro.

Ele, querendo marcar a ocasião por um efeito especial espetacular, pensou em contratar um homem bomba para explodir-se em um cantinho afastado do

jardim, sob os olhares impressionados dos quase 500 convidados, muitos deles estrangeiros.

Procurou pela Internet e não encontrou nenhum se oferecendo. Foi à Palestina, ao Iraque, ao Afeganistão; percorreu ruas e mesquitas e não conseguiu contratar ninguém.

Voltando ao Brasil, desanimado, pensava em criar outro efeito especial quando, olhando nos classificados de um jornal local, deparou com o anúncio de um nordestino (Gumercindo) que vendia um rim, um pulmão, as duas córneas, parte do fígado, um braço, uma mão, um pé e uma orelha.

O cineasta imaginou que, se o sujeito queria se desfazer de todas essas partes, nada melhor que uma bomba explodindo junto ao peito. Imediatamente ligou para o indivíduo e marcou hora e local para conversarem.

Gumercindo explicou que estava endividado e, com o dinheiro arrecadado, pagaria as dívidas e mandaria dona Leonora e os doze filhos de volta para o Nordeste. Como sempre, exigira o dinheiro adiantado. Acertada a negociação, o próprio

Gumercindo ficara encarregado de preparar a bomba e colocá-la ao peito.

No dia do casamento, após a cerimônia, com os convidados todos no jardim, foi anunciado o evento.

Gumercindo chegou todo vestido com uma túnica branca e capuz, sendo apresentado como um membro de organização terrorista internacional.

Dirigiu-se para o canto preparado do jardim e, embora tentasse por diversas vezes, não conseguira fazer a bomba, presa ao peito, explodir; deixando os convidados e os noivos desolados.

Terminada a festa e tendo todos os convidados se retirado, o cineasta, a esposa, a filha e o genro achavam-se na sala da mansão, tomando uma taça de champanhe e conversando sobre o local da lua de mel, quando a campainha tocou. Ao atendê-la deparou com Gumercindo que, alegando não ter podido cumprir o combinado, havia vindo devolver o dinheiro recebido antecipadamente.

Ao entrar na sala e mexer nos bolsos para retirar o dinheiro, o artefato, finalmente, explodira.

Dona Leonora, quando nos aproximávamos do prédio do IML, confessou baixinho que ainda tinha esperança de encontrar algumas notas presas no que havia sobrado do corpo e das roupas de Gumerindo.

. O COVARDE

Um dia, quando, sentado ao lado de seu Bernardino, pai de vários rapazes já falecidos (menos um que morava no exterior), contemplávamos um jovem ser espancado por uma multidão e jogado morro abaixo, seu Bernardino contou-me a história da vida do único filho vivo, que morava fora do país.

Era um menino inteiramente covarde, desde pequeno. Nunca havia enfrentado uma situação difícil de frente, pois sempre tivera medo.

No CIEP onde estudava, era desafiado por todos e não respondia ao desafio, quase sempre abaixando a cabeça e, por vezes, até se humilhando.

Certo dia, ao assistir com seu tio a uma partida de pôquer, nos fundos do bar do Alemão, observou que o jogador mais fraco, apostando com apenas um par de setes, ganhou de todos os jogadores mais fortes com trinca, flash e seqüência, que correram do jogo.

O tio explicou-lhe, na ocasião, que o jogador do par de setes havia blefado e, por isso, ganhara dos outros jogadores, que tinham jogos mais altos.

Como era inteligente resolveu, a partir daquele dia, usar a técnica do blefe, que vira dar certo naquela partida, possibilitando ao mais fraco ganhar do mais forte.

Tendo seus pais se mudado para outra favela, em outro morro, ao estabelecer amizades com novos rapazes e moças da sua idade, começou a apresentar-se como matador profissional, dizendo que, do local de onde viera, por dinheiro, já havia eliminado muitas pessoas.

Com este blefe, imaginava ser temido por todos e não mais ser desafiado e humilhado pelos companheiros.

Quando lhe perguntavam maiores detalhes, mantinha-se evasivo, dizendo apenas que, após o serviço, desovava os corpos em locais distantes e pouco conhecidos.

Assim, tendo adquirido fama de valentão e sendo respeitado, agora, por todos, desfrutava de calma e tranqüilidade naquele morro.

Em casa, certo dia, após o almoço, ouvindo o telefone celular tocar, julgou tratar-se de algum amigo querendo marcar uma pelada para o fim da tarde, no campinho de futebol no alto do morro.

Atendeu displicentemente e espantou-se com a voz que do outro lado dizia: - Ouvi falar de você e tenho um serviço urgente. Quero contratá-lo para eliminar um inimigo. Pago o que pedir. Encontre-me às vinte horas embaixo da ponte da rodovia. Não falte!

Embora temeroso, como sempre, a curiosidade o impeliu a comparecer ao encontro.

Tratava-se de um empresário de sucesso na cidade que, tendo sido traído pela mulher com o sócio, resolvera eliminá-lo.

Ofereceu a ele, de início, cem mil reais; logo aumentando para duzentos mil após sua demora em responder.

O empresário já tinha tudo planejado e faltava-lhe, apenas, o executor para apertar o gatilho na hora certa.

Conquanto continuasse covarde, por necessitar urgentemente de dinheiro, já que não trabalhava e tinha acumulado inúmeras dívidas, resolveu aceitar o serviço, principalmente em razão do adiantamento de cinquenta mil reais que o empresário lhe oferecia ali na hora.

Com base no planejamento que o contratante havia fornecido, foi relativamente fácil desincumbir-se do serviço sem deixar pistas.

Após aquele telefonema outros se seguiram, em razão das ótimas referências dadas pelo empresário para amigos.

Atualmente é sócio majoritário de uma empresa dedicada à eliminação de pessoas, com sede nas Bahamas.

Atende pedidos de várias partes do mundo. Para contratar seus serviços, basta apenas ligar para determinado número de telefone, fornecer os dados da

vítima, sua foto e endereço e depositar certa quantia, como adiantamento, em uma determinada conta corrente no exterior.

Em, no máximo, trinta dias o cliente poderá comprovar a eficácia do serviço, folheando as páginas criminais dos principais jornais da cidade.

Reside, atualmente, em uma mansão na Califórnia, ao lado de astros e atrizes famosos.

Nunca mais voltou ao morro onde seus pais ainda residem. Vez por outra, no Natal, manda para eles, pelo correio, uma cesta com produtos natalinos.

. O ANGÚ DO ALEMÃO

Um dia, tomando um copo de leite no bar do Alemão, que ficava a meio caminho do alto do morro em que residia, ouvi deste uma estranha estória que envolvia um casal de moradores daquele morro, residentes no sopé do mesmo, na parte plana que confronta com o asfalto. Vicente, o marido, sempre gostara de comer angu à baiana no bar do Alemão.

**Ao final do expediente na obra em que trabalhava na Baixada Fluminense, sempre que podia, dirigia-se ao seu bar e dizia, com a boca cheia d'água:
- Alemão, salta um bem quentinho!**

Enquanto comia, costumava conversar um pouco com o Alemão. Em uma dessas conversas, ficou sabendo que Alemão tinha um filho que era seu vizinho e que morava no mesmo local, algumas casas depois da sua.

Foi assim que soube pelo Alemão, que relutou bastante em dizer-lhe, que sua mulher o traía com um

motorista de ônibus cujo ponto final era em frente a sua casa.

Custou a acreditar no que o Alemão lhe dizia em voz baixa, para ser ouvido apenas por ele.

Ficou remoendo o que ouvira de Alemão no dia anterior, durante toda a viagem de trem, na volta para casa.

Lá chegando, prestando atenção, começou a perceber determinados comportamentos da mulher que, até então, não haviam chamado sua atenção.

Toda vez que um ônibus parava em frente da casa ela, rápida, se dirigia à janela. Se o telefone celular tocava, corria logo a atender e falava sempre baixinho.

Dias depois, chegando mais cedo do trabalho sem avisar, encontrou a mulher e o motorista em sua casa, na cama do casal.

Transtornado, apanhou a arma na gaveta da cômoda e matou a ambos com vários tiros.

Saindo dali, dirigiu-se para o bar do Alemão. Ao chegar, como sempre, pediu: - Alemão, manda um angu bem quentinho, mas hoje com bastante pimenta!

Quando o Alemão serviu o angu, ele tirou do bolso um pequeno frasco contendo um veneno para ratos, conhecido como chumbinho, e verteu o conteúdo todo dentro do prato.

Olhando então para o Alemão, disse: - “Aquela parada que você me contou, já está toda resolvida. Estou indo, agora mesmo, me encontrar com ela para dizer-lhe mais alguns desaforos que, na pressa, me esqueci de falar”!

Em seguida, com uma colherada cheia, começou a comer o angu, esperando que a pimenta tirasse um pouco daquele gosto amargo do chumbinho.